

ARTHUR E ALUIZIO AZEVEDO

# FRITZMAC

REVISTA FLUMINENSE DE 1888

EM PROSA E VERSO

EM 1 PROLOGO, 3 ACTOS E 17 QUADROS

MUSICA DE

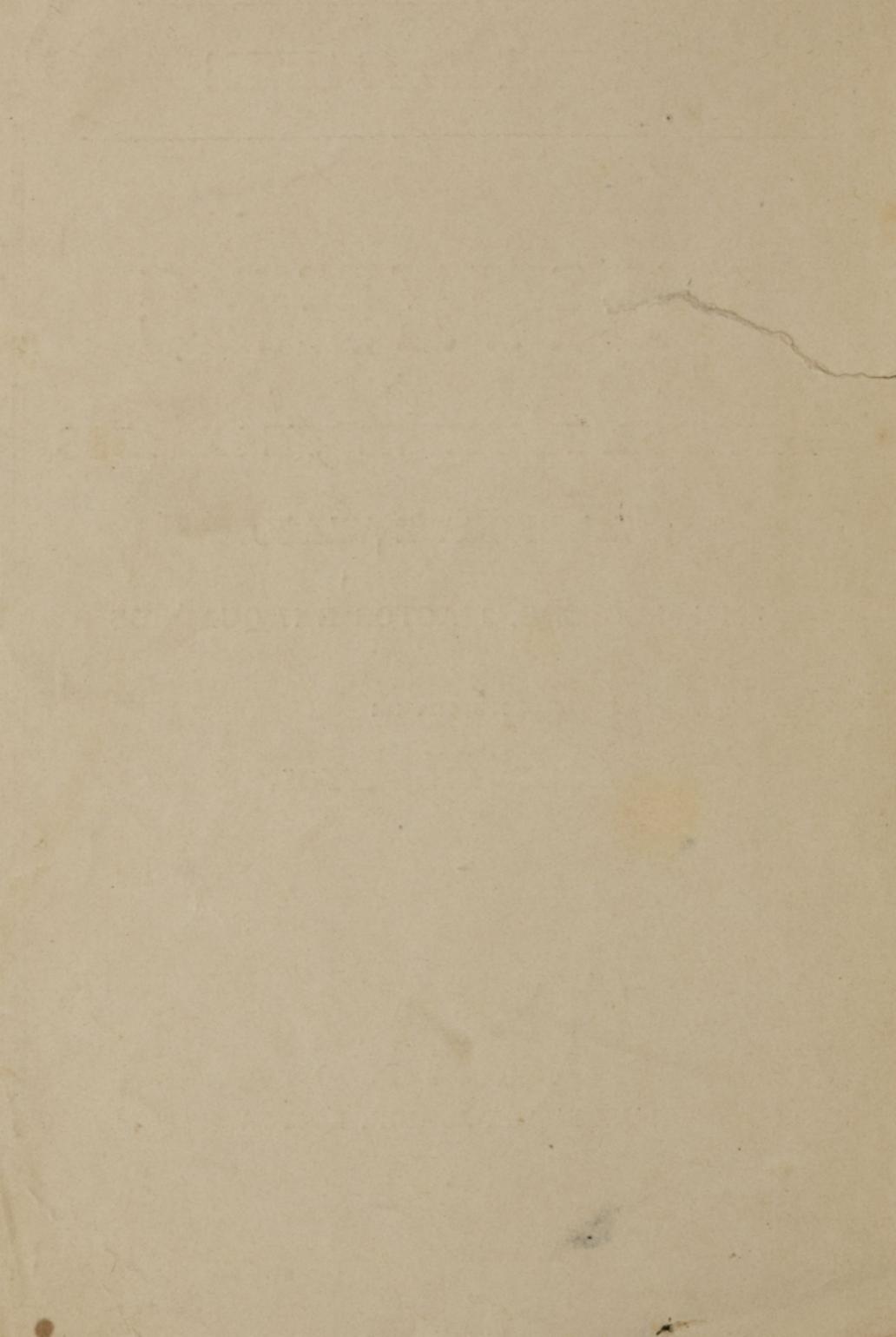
LEOCADIO RAYOL



Rio de Janeiro, D. C.

LUIZ BRAGA JUNIOR, EDITOR

1889



ARTHUR E ALUIZIO AZEVEDO

---

# FRITZMAC

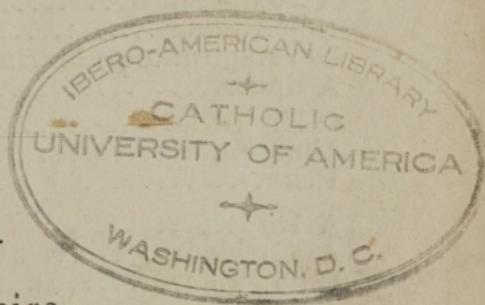
REVISTA FLUMINENSE DE 1888

EM PROSA E VERSO

EM 1 PROLOGO, 3 ACTOS E 17 QUADROS

MUSICA DE

LEOCADIO RAYOL



Rio de Janeiro

LUIZ BRAGA JUNIOR, EDITOR

—  
1889

# PERSONAGENS

70  
9697  
-A95  
F75

1889 Mlle. Fritzmac.....	Mlle. Rose Villiot.
Amorosa.....	D. Dolores Lima.
A Avareza.....	} D. Clelia.
A Paciencia.....	
Uma Senhora.....	
D. Ignez de Castro.....	} D. Clementina.
O Amor.....	
A Luxuria.....	} D. Celina Bonheur.
A Liberalidade.....	
O Congresso dos Fenianos....	
A Soberba.....	} D. Anna Manarezi.
A Diligencia.....	
Outra Senhora.....	
A Gran-Via.....	
A Inveja.....	} D. Mathilde Nunes.
A Temperança.....	
Uma Criada.....	
Um Aspirante de Marinha....	
A Epoca.....	
O High-life.....	} D. Anna Leopoldina.
Uma Mulata.....	
Peky.....	
A Irá.....	} D. Amelia Escudero.
A Caridade.....	
Uma Preta.....	
A Semana.....	
A Preguiça.....	} D. Virgilia.
A Castidade.....	
A Humildade.....	D. Thereza.
O Barão do Macuco.....	Sr. Guilherme da Silveira
Pero Botelho.....	Sr. Aréas.

6329.

Fritzmac, alchimista .....	} Sr. Machado.
Um Credor.....	
O Club dos Fenianos.....	
O Entrudo.....	
O Padre-soldado.....	
Tiro-e-Queda, capoeira.....	
Um Convidado .....	
Um Jornalista.....	} Sr. Mendes Braga
A Gula.....	
Um Soldado de Policia.....	
O Chefe dos Coelhos.....	
Um Lycurgo.....	
Seu Zê do Becco.....	
Fonseca-Tching.....	
Antonio José (personagem invisivel).....	} Sr. Sepulveda.
Outro jornalista.....	
O Club dos Democraticos....	
O Carnaval.....	
O Projecto e a Lei.....	
O Visconde que dá o baile....	
Um Artista.....	
Um Dilettante.. ..	} Sr. Araujo.
Antunes .....	
O Commendador Villa Isabel.	
Outro Convidado.....	
Um Engenheiro.....	} Sr. Leonardo.
O Club dos Progressistas da Cidade Nova.....	
Tripas ao Sol, desordeiro.....	
Outro Convidado.....	
Tsing-Tsing-Sudré.....	
O Gallo.....	} Sr. Pedro Nunes.
Um Vendedor de Canivetes....	
Outro Convidado.....	
Outro Jornalista.....	
Um Caixeiro.....	
O Tigre.....	} Sr. Rangel.
Outro Vendedor de Canivetes.	
Outro Convidado.....	
Outro Jornalista.....	
Um Ex-actor.....	

Um Padre.....	}	Sr. Vieira
O Jacaré.....		
Um Homem.....		
Outro Vendedor de Canivetes		
Um Preto.....		
Um Criado.....		
Um Medroso.....	}	Sr. Vicente.
O Leão.....		
Outro Homem.....		
Outro Preto .....		
O Dr. Gazeta.....		
Outro Engenheiro.....		
A Onça.....	}	Sr. Guimarães
O Conselheiro Jacob.....		
Serapião .....		
Outro Convidado.....		
Um Esgrimista.....		
Outro Jornalista.....		
Outro Lycurgo.....	}	Sr. Miranda.
Um Italiano.....		
Um Diplomata.....	}	Sr. Rossi.
Um Emprezaario Lyrico.....		
Pessoas do povo, Peixes, Coelhos, Flores, Mendigos, Vagabundos, Convidados, Jornalistas, Artistas lyricos, Soldados, etc.		

.....

Seenarios dos Srs. Orestes Coliva, Frederico de Barros  
e Camões.—Machinismos do Sr. Augusto Coutinho.

.....

O personagem— A Raposa — que figura na peça, foi  
suprimido na representação.

.....

Nesta edição não se fizeram as alterações exigidas pelo  
Conservatorio Dramatico,  
pela Policia e pelas conveniencias de scena.

~~~~~

# FRITZMAC

---

## PROLOGO

---

### Quadros I, II e III

Laboratorio sombrio e diabolico. Ao levantar o panno, o velho Fritzmac está occupado n'algum trabalho de alchimis, Ao ver o publico, ergue-se, applica bem a vista, deixa o que está fazendo e vem ao proscenio. Musica em surdina na orchestra desde o levantar do panno até a entrada de Pero Botelho.

### SCENA PRIMEIRA

FRITZMAC, depois PERO BOTELHO.

Meus, senhores eu sou Fritzmac, o alchimista :

A' falta de outro artista,

O prologo farei da pandega revista.

Desgostoso da terra,

Onde soffri dos homens dura guerra,

Ao serviço me puz

Do bom Pero Botelho,

Diabo assaz conhecido,

*Bon vivant*, divertido,

Que bons cobres me dá, me trata por meu velho,

No conceito me tem do rei dos nigromantes,

E em breve—elle é que o diz—vae dar-me uma gran-cruz

De ouro de lei, rodeada de brilhantes !

Um presente de truz !

(*Pequena pausa.*)

Do Botelho citado.  
 Um capricho engraçado  
 Vae ser, senhores meus, o ponto de partida  
 Da frívola comedia a que ides assistir.  
 Quando a revista, por desenhada  
 Vos obrigue a dormir...

(*Acelera-se o movimento da musica.*)

Mas que ouço!! A concluir sou forçado de chofre!  
 Vem barulho do chão... sinto cheiro de enxofre!

(*Endireitando aqui e alli algum objecto.*)

E' o patrão!  
 Attenção!  
 Vae abrir-se o alçapão!  
 Verão!

(*Musica forte. Pero Botelho surge do alçapão, acompanhado de labaredas. Cessa a musica.*)

PERO BOTELHO.

Não te enganas, Fritzmac, sou eu. (*Consultando o relógio.*) Meia noite: é a minha hora, meu velho. Não sou d'esses demonios de hoje, que se enfaram de modernismo, e desdenham os costumes dos nossos avós. E' justamente por isso que te procuro, amigo.

FRTZMAC.

Amigo, diz vossa alteza muito bem, porque nós, os homens da sciencia, nada mais somos do que espiritos rebeldes, que se voltaram, como vós outros, contra as imposições de Deus. (*Pero Botelho pula e estremece.*) Desculpe... sempre me esqueço de que não devo pronunciar o nome d'sete sujeito em presença de vossa alteza. (*Vae buscar*

*um banco e offerece-o a Pero Botelho.*) Deixé lá fallar o velho doutor Fausto, sabio carola e freguez de missas : a sciencia é e sempre foi inimiga da Biblia. Sente-se vossa alteza.

PERO BOTELHO, *sentando-se.*

A prova ahi está em Galileu, que pregou uma boa peça a Josué, e em Franklin, que desmoralisou o raio... Mas tratemos do objecto que aqui me trouxe.

FRITZMAC.

Sou todo ouvidos.

PERO BOTELHO.

Ha bastante tempo vivo preocupado com a capital de um vasto imperio americano, que tem sabido resistir á minha influencia.

FRITZMAC.

Vossa alteza graceja.

PERO BOTELHO.

Não, meu velho. A capital de que te fallo é o meu desespero. Conheces perfeitamente o nosso esplendido successo sobre o antigo mundo pagão. Babilonia excedeu á nossa expectativa. Sodoma e Gomorrha foram duas teteias. Ninive aquillo que tu sabes. O Egypto foi nosso de uma ponta a outra ! Depois Roma... Ah ! Roma ! Roma !... Tão cedo não apanhamos outro Nero, nem outro Caligula... Aquillo é que era ouro de lei ! Esten-

demos depois o nosso dominio por toda a Europa... Pariz, Londres, Berlim, Vienna, S. Peterburgo, Madrid, todas as capitaes, emfim, de certa ordem, foram a pouco e pouco cedendo á nossa influencia. Conseguimos plantar o nosso reinado em todas ellas! Mas, meu velho, a America... (*Abana a cabeça*).

FRITZMAC.

A America não se tem explicado.

PEROS BOTELHO.

E' o termo. Ainda lá para o Norte não temos ido de todo mal. New-York promette, isso promette. Mas o Brasil...

FRITZMAC.

O Brasil? Conheço. Um vasto territorio occupado pelos portuguezes.

PERO BOTELHO.

Isso é historia antiga. O Brasil tornou-se independente ha sessenta e tantos annos. E o Rio de Janeiro, a capital d'esse vasto imperio, é o meu cavallo negro.

FRITZMAC.

Devéras?

PERO BOTELHO.

Imagina que não tem mordido nem a pontinha da isca que lhe atiro com tanta insistencia!

FRITZMAC.

E' incrivel!

PERO BOTELHO.

Despejei no Rio de Janeiro todos os elementos corrosivos que pude apanhar na Europa. Debalde! A tal cidadezinha resiste, e tem se conserva'lo...

FRTZMAC.

Pura? Pois é possível que haja ainda no mundo uma cidade pura?

PERO BOTELHO.

Pura, pura, não digo que o seja. Não exageremos. Mas está tão longe da perfeição européa como da China. Um ou outro pandego paga-me sobejamente o seu disimo; mas não calculas que ingenuidade! que *sancta simplicitas*! Amam ainda e choram legítimas lagrimas. Ha dedicação, ha o que a moral chama bons exemplos; filhos modelos, mães extremosissimas, quasi santas, amigos desinteressados, e, parece incrível! ha brio, ha character, ha honra!... Ha lá quem dê a alma ao céu por uma questão de pundonor!... Para encurtar razões: já houve quem dissesse que a caridade se naturalizou fluminense!

FRTZMAC.

E' com effeito uma capital *sui generis*.

PERO BOTELHO, *erguendo-se, com resolução.*

Pois bem, estou resolvido a occupar-me seriamente com aquillo, a nivellar o mundo. Não tolero semelhante excepção... E como estou convencido de

que só com o auxilio da sciencia poderei realizar o meu plano de combate, venho ter contigo, meu velho, que és o meu sabio. Serve-me, e ainda mais depressa apanharás aquillo que te prometti.

FRTZMAC.

Já sei: a teteia. Estou ás ordens de vossa alteza.

PERO BOTELHO.

Quero que reduzas a um individuo só os sete peccados mortaes. Comprehendes que é muito mais pratico e mais commodo enviar uma só creatura ao mundo, em vez de mandar para lá sete typos que se prejudicariam uns aos outros, e acabariam por neutralisar mutuamente o que fizessem.

FRTZMAC, *que tem estado a pensar, coçando a cabeça.*

E'... o plano não é máo...

PERO BOTELHO.

E é exequivel?

FRTZMAC.

Homem, alteza, para fallar francamente, não posso affiançar a exequibilidade do plano. Até hoje tenho feito apenas algumas transmissões da alma de um corpo para outro, electrisado diversos cadaveres e dado vida a meia duzia de seres inanimados. Mas isto de reunir n'um só corpo nada menos de sete espiritos, e que espiritos!

7  
PERO BOTELHO.

Recuas ?

FRITZMAC.

E' muito facil com dous individuos fazer sete... Para isso nem é necessaria a sciencia... Mas de sete fazer um... Emfim, nada se perde por tentar.

PERO BOTELHO.

Bravo ! E quando tencionas dar começo ao teu trabalho ?

FRITZMAC.

Immediatamente.

PERO BOTELHO.

Nesse caso, mãos á obra ! Vou invocar os sete peccados mortaes !

CANTO.

Eu ordeno com modo arrogante,  
E para isso não prego editaes,  
Que appareçam aqui neste instante  
Os meus sete peccados mortaes !

(*Abre-se o fundo, deixando ver uma pequena gruta de fogo. Os sete peccados mortaes estão alinhados e em linha descem ao proscenio. Fecha-se o fundo.*)

---

## SCENA II

FRITZMAC, PERO BOTELHO, OS SETE PECCADOS MORTAES.

CÔRO DOS PECCADOS MORTAES.

Pero Botelho, ó grande alteza,  
Cá estamos nós !  
Obedecemos com presteza

A' tua voz.  
Rival de Beelzebú,  
Que queres tu ?

(*Continúa a musica em surdina na orchestra.*)

PERO BOTELHO.

Ahi tens os sete peccados mortaes, Fritzmac.  
São sete raparigas de se lhes tirar o chapéo.

FRITZMAC.

Estão bem dispostas, estão... principalmente  
aquella... (*Aponta para a Gula.*)

PERO BOTELHO.

Já as conhecias ?

FRITZMAC.

Apenas de tradição.

PERO BOTELHO.

Meninas, apresentem-se ao Dr. Fritzmac. (*A' Avareza.*)—Rompa você a marcha. (*Os Peccados executam um pequeno movimento, e vão passando pela frente de Fritzmac successivamente, á medida que se apresentam.*)

A AVAREZA.

Sou a Avareza sordida,  
Que a força deleteria  
Do prantó e da miseria  
Desenvolvendo vae;  
Para os males do proximo  
Apathica não ólho,  
Porque tudo aiferrolho  
Que nestas unhas cae.

FRITZMAC.

Faz muito bem. Quem para adiante não olha  
atrás fica.

A LUXURIA.

Eis a luxuria, eis o peccado  
Que mais desgraças tem causado,  
É eternamente as causará !  
Emquanto ao pé do masculino  
No mundo houver o feminino,  
O meu dominio durará.

FRITZMAC.

Tambem não sei porque fizeram disto um  
peccado...

A INVEJA.

Eu sou a vesga Inveja ; invejo a toda a gente ;  
Eu mordo-me, a chocar esta paixão ruim ;  
Quando, por invejar, eu me sinto contente,  
Invejo a propria Inveja, invejando-me a mim.

FRITZMAC.

Bom ; esta tem muito em que se occupar...

A GULA.

A Gula sou ; sou, e não vejo  
Em que um peccado possa ser...

FRITZMAC.

Nem eu.

A GULA.

Não alimento outro desejo  
Senão comer, comer, comer...

FRITZMAC.

Este diabo abrio-me o appetite !

A IRA, *que faz fugir Fritzmac.*

Sumam-se ! raspem-se,  
 Que eu sou a Ira !  
 Tudo me inspira  
 Raiva e furor !  
 Morro de colera  
 Se não espanco,  
 Se não desanco  
 Seja quem for !

FRITZMAC.

Vá desancar o boi ! (*A Soberba passa sem dizer nada.*) Então a menina não solta a sua piada ? Quem é ?

A SOBERBA.

Não tenho que lhe dar satisfações ! (*Passa.*)

FRITZMAC.

Safa ! é malcriadeta, é.

PERO BOTELHO.

Podéra ! é a Soberba...

FRITZMAC.

Ah ! (*Vendo passar a Preguiça.*) E esta, que mal se arrasta ?

A PREGUIÇA, *com voz muito descansada.*

Eu sou a Preguiça ; não há neste mundo  
 Coisinha melhor do que o *dolce far niente*.  
 Eu vivo deitada de papo p'ra cima,  
 E tenho preguiça de tudo e por tudo.

FRITZMAC.

Perdão, mas esses versos...

PERO BOTELHO.

Não rimam: ella teve preguiça de rimal-os.—

Bem, meninas, entrettenham-se a ver esses *bi-belots* da nigromancia. (*Os Peccados formam grupos ao fundo, examinando uma coisa ou outra. Pero Botelho vae ter com Fritzmac.*) Anda, trata de me reduzir aquellas sete raparigas a um rapaz bem sacudido e esperto.

FRITZMAC.

Um rapaz? Ahi é que vossa alteza está na tinta.

PERO BOTELHO.

Como assim?

FRITZMAC.

Pois eu posso lá fazer um homem de sete mulheres!

PERO BOTELHO.

Porque?

FRITZMAC.

Falta muita coisa. Não posso dispor de certos elementos dos quaes nenhuma destas senhoras dispõe... a barba, por exemplo.

PERO BOTELHO.

Pois arranja uma mulher com um milhão de raios! Póde ser até que lucremos com a troca! Uma mulher vale por vinte homens, e o que ella não alcançar, nem eu mesmo conseguirei! Que seria de mim se não fosse a mulher?

FRITZMAC.

Bom, comecemos o serviço. Vou mettel-as todas naquella caldeira, que foi um presente de vossa alteza, e que tem sempre fogo.

PERO BOTELHO.

Ah, sim! a caldeira de Pero Botelho; mas provavelmente resistem.

FRITZMAC.

Resistem? Boas! E o hypnotismo?! (*Pero Botelho mostra pela cara que não sabe o que é.*) Uma sciencia moderna. (*Vae buscar uma escada de mão que encosta a uma caldeira, ligada a uma retorta. Depois vae aos Peccados, faz alguns passes magneticos e as raparigas ficam immoveis.*) Vê vossa alteza? Estão promptas a obedecer á minha vontade!

CANTO.

Vamos lá, senhoras minhas!  
Sem fazer opposição,  
Entrem todas direitinhas  
Para aquelle caldeirão!

PERO BOTELHO.

A fazer um simples gesto  
Tudo alcança um sabichão!  
As pequenas sem protesto  
Vão entrar no caldeirão!

OS PECCADOS.

Que diabolica artimanha!  
Que exquisita sensação!  
Sinto que uma força estranha  
Vae me pôr no caldeirão!

JUNTOS.

FRITZMAC,

Vamos lá! senhoras minhas! etc

PERO BOTELHO.

A fazer um simples gesto, etc

OS PECCADOS.

Que diabolica artimanha! etc

(*Continúa a musica na orchestra. Fritzmac, sempre a fazer passes magneticos, obriga os Peccados a entrarem para a caldeira Elles o fazem a contragosto. A Preguiça é a ultima.*)

PERO BOTELHO.

Agora me lembra. Essa não é lá precisa. No Rio de Janeiro o que não falta é preguiça.

FRTZMAC.

Deixe-a ir... agora é massada deshypnotisal-a. *Quod abundat non nocet.* (*Empurrando a Preguiça*). Vamos! vamos! mova-se!... (*Estão todos os Peccados no caldeirão.*)

### SCENA III

FRTZMAC, PERO BOTELHO.

PERO BOTELHO.

E's um homem extraordinario!...

FRTZMAC.

Ponha de quarentena os seus elogios, alteza : quem sabe se com tudo isto nada mais consigo do que fazer um enorme ensopado ?

PERO BOTELHO.

Não me digas.

FRTZMAC, *trepá na escada, debruça-se sobre a caldeira, e começa a mexel-a com uma enorme colher de páo.*

Oh! oh! como a gorducha esperneia! Só o caldo que aquillo dá! A Ira como esbraveja! A

Preguiça ainda está viva... tem preguiça até de morrer!

PERO BOTELHO.

Que vaes fazer dessa sopa?

FRITZMAC.

Esta sopa, quando estiver completamente liquida, passará por essa retorta, e irá depositar-se naquelle reservatorio. D'alli é que ha de sahir a mulhersinha.

PERO BOTELHO.

E quanto tempo isso dura?

FRITZMAC.

Uns cinco mezes talvez.

PERO BOTELHO.

Julguei que a coisa fosse mais rapida. Tenho lá paciencia para esperar tanto tempo!

FRITZMAC.

Oh! alteza! o fogo, por mais forte que seja, não terá mais de tres mil grãos de calor especifico.

PERO BOTELHO.

No mundo, sim, mas no inferno tenho fogo superior a trinta mil grãos!

FRITZMAC.

Ah! com esse fogo tudo se arranjava em alguns minutos.

PERO BOTELHO.

Pois espera, vou applicar o fogo do inferno ao

fundo da caldeira. (*Solta um assovio e formam-se grandes chammás vivas debaixo da caldeira.*)

FRTZMAC, *subindo á escada.*

Chi! Fogo viste linguça! Nem signal de osso existe já! Foi mais rapido que um raio! A sopa escorreu toda!

PERO BOTELHO.

Quando teremos a nova creatura?

FRTZMAC.

Não se demora muito. Só o tempo necessario para que o caldo passe pelos canaes competentes, distribua ás respectivas moleculas e esfrie de todo.

PERO BOTELHO.

Bom!

FRTZMAC, *que tem ido examinar o apparelho.*

Vae muito bem; não temos que esperar mais do que alguns minutos. (*Apalpa o reservatorio.*) Está quasi frio. Não tarda ahi!

PERO BOTELHO.

Deve ser completa essa mulher! Um ente feito da infusão de todos os meus peccados! (*Ameaçando.*) Ah, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro! agora juro que não zombarás do poder do Diabo! Has de pertencer-me!

FRTZMAC, *destapando o reservatorio.*

Prompto! (*Forte na orchestra. Sae uma mulher. Pero Botelho e Fritzmac dão-lhe a mão para descer.*)

## SCENA IV

FRITZMAC, PERO BOTELHO, a MULHER.

PERO BOTELHO, *a Fritzmac.*

Como é linda e como estou contente ! Amanhã  
terás a gran-cruz, meu velho !

FRITZMAC.

Que perfeição de mulher !

A MULHER.

CANTO.

Quem sou ?  
Em que logar estou ?

*(Como se lembrando.)*

Ah !

Tudo me lembra já !

TANGO

Sinto todos os peccados  
Dentro de mim ;  
Inda não houve no mundo  
Mulher assim !  
Sou avarenta,  
Sou preguiçosa,  
Sou rabugenta  
Sou invejosa,  
Irosa,  
Gulosa  
Vaidosa.

Uma mulher completa emfim !

FRITZMAC.

Ai, meu amor, como és bonita !  
Estão meus olhos captivados !

PERO BOTELHO.

O peito meu de amor palpita !  
E's realmente os meus peccados !

OS TRES.

{ Sou avarenta,, etc  
 { E' avarenta.

PERO BOTELHO.

Bom, acompanha-me. Vou confiar-te uma missão delicada — Mas agora me lembro: é preciso baptisar esta pequena. Ella não ha de ter sete nomes.

FRITZMAC.

Fui eu que a fiz. Nada mais justo que ter o nome do pae.

PERO BOTELHO.

Apoiado: chamar-te-ás Fritzmac. Madame ou mademoiselle Fritzmac, à vontade. Vamos! Adeus!  
*(Mesura de Fritzmac.)*

A MULHER.

Vamos! *(Sae, levada por Pero Botelho.)*

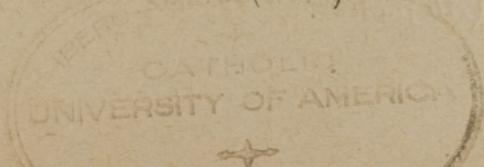
FRITZMAC, indo gritar ao bastidor.

Não vá vossa alteza esquecer-se da teteia!

## SCENA V.

FRITZMAC, só.

Uma gran-cruz! uma gran-cruz! Isto era caso para um viscondado, pelo menos! Mas não é que o tal serviçosinho prostrou-me? *(Boceja.)* Tenho somno. . vou me deitar... e com a consciencia de não haver perdido o meu dia. *(Sae.)*



## SCENA VI

O AMOR.

*Depois que Fritzmac se retira, a scena fica só por alguns momentos. Ha um forte na orchestra, um armario transforma-se n'uma gruta florida, e sae de dentro d'esta o Amor. Continúa a musica.*

Ao ver surgir esta figura,  
Que ha tantos sec'los a pintura  
Vulgarisou,  
O espectador menos esperto  
De si p'ra si logo de certo  
Disse quem sou.  
Mas, pelo todo, me parece  
Que esta figura não conhece  
Alli o senhor...

*(Aponta para um espectador qualquer.)*

Se bem que o caso seja raro,  
Eu, pelas duvidas, declaro  
Que sou o Amor.  
Já percorri bem mão caminho,  
Já fui feroz, já fui damninho,  
Já fui fatal;  
Mas hoje em dia só patetas  
Podem temer que as minhas settas  
Lhes façam mal.  
Não é, por Venus! a vontade  
De atormentar a humanidade  
Que aqui me traz:  
Venho, contente e petulante,  
Desempenhar uma importante  
Missão de paz.

*(Dirigindo-se para o fundo.)*

Vinde, olá! virtudes magas!  
Preciso do auxilio vosso!

*(Ao publico.)*

Ides ver que eu tambem posso  
 Invocar nas horas vagas...

*(Musica. Abre-se o fundo, e apparece um templo de ouro e luz. As sete virtudes oppostas aos sete peccados mortaes apparecem abraçadas, e abraçadas descem ao proscenio, onde se desentrelaçam.)*

## SCENA VII

O AMOR, AS SETE VIRTUDES, depois AMOROSA.

CÓRO DAS VIRTUDES.

Aqui estão, muito bem postas,  
 Aqui estão, sem mais nem mais,  
 As virtudes oppostas  
 Aos peccados mortaes.

1.<sup>a</sup> VIRTUDE.

Eu sou a Caridade.

2.<sup>a</sup> VIRTUDE.

Eu sou a Castidade.

3.<sup>a</sup> VIRTUDE.

Eu sou a Humildade.

4.<sup>a</sup> VIRTUDE.

A Liberalidade.

5.<sup>a</sup> VIRTUDE.

A Temperança

6.<sup>a</sup> VIRTUDE.

A Paciencia

7.<sup>a</sup> VIRTUDE.

E a Diligencia,  
 Que não descança!

Se me encarrego  
De uma incumbencia,  
Aquilo é zás!

Traz!  
Nó cego!

TODAS.

Zás!  
Traz!  
Nó cego!

A DILIGENCIA.

Vamos! vamos, Amor! que desejas? para que nos invocaste? Dize, dize depressa, que não ha tempo a perder!

A PACIENCIA.

Para que tanta pressa? Temos muito tempo. Quem corre cansa.

A LIBERALIDADE.

Cala-te, Paciencia, já começa! Dize o que desejas, Amor.

O AMOR.

Serei breve. Trabalha neste laboratorio um magico, doutor ou coisa que o valha chamado Fritzman, que se acha ao serviço de Pero Botelho.

TODAS, *benzendo-se.*

Credo!

O AMOR.

Pero Botelho quiz enviar ao Rio de Janeiro os sete peccados mortaes; não é preciso que eu vos diga com que intenções. Receiando que sete creaturas não dessem boa conta do recado, porque se estorvariam mutuamente, incumbio Fritzman

de reduzir as sete a uma só, por meio de mysteriosos processos de alchimia. Pois bem: eu, o Amor, desejo oppor um poder a esse poder... desejo extrahir das virtudes oppostas aos sete peccados mortaes uma creatura que faça guerra á outra e lhe inutilise os planos. Para isso valho-me do proprio laboratorio do diabo, e não empregarei, como elle, o fogo de céu, mas o do amor, pois, como sabeis, o amor tem fogo.

A CASTIDADE.

Oh! (*Tapa a cara.*)

O AMOR.<sup>7</sup>

Perdoa, Castidade. (*Beija-lhe a mão.*)

A LIBERALIDADE.

Se for preciso fazer alguma despeza, cá estou eu.

O AMOR.

Não, formosa Liberalidade: o Amor tudo arranja de graça. Muito obrigado. (*Beija a mão á Liberalidade.*)

A CARIDADE.

Estamos promptas para quanto quizeres.

A PACIENCIA.

E pelo tempo que entenderes.

O AMOR.

Ah, ah! Fritzmac, vaes ver que o Amor é mais feiticeiro que tu!

## CANTO.

Mas agora reparo: trazeis flores...  
 Muito bem!  
 O vosso contingente, meus amores,  
 A proposito vem.

## RONDÓ.

Doce Humildade, na caldeira lança  
 Essas gentis violetas bellas.  
 Dá-me essas rosas, Temperança:  
 Perdôa se te obrigo a desfazer-te d'ellas.  
 Lá dentro atira, Liberalidade,  
 Os teus esplendidos lilazes,  
 E tu, desfaz-te, ó Caridade,  
 Do amor perfeito, a flôr que no teu seio trazes,  
 Essa camelia, ó candida Paciencia,  
 Lá da caldeira põe no fundo;  
 Dê-me o seu cravo a Diligencia,  
 E dê-me a Castidade um lyrio pudibundo.

*(As Virtudes obedecem á proporção que canta  
 o Amor. Todas as flores têm passado para a cal-  
 deira.)*

## A DILIGENCIA.

Vaes agua florida fazer?

## O AMOR.

Vão ver! vão ver!...

*(Bate com a setta na caldeira, e esta desaparece,  
 deixando ver Amorosa.)*

## TODAS.

Oh!

## O AMOR.

Filha do Amor e das Virtudes, chamar-te-ás  
 Amorosa. Vem commigo... vou dar-te as minhas  
 instrucções. Urge sahir deste logar maldito. Mi-  
 nhas filhas, vamos!

---

TODAS.

Vamos !...

CÓRO GERAL.

Oh, que linda e bella fada  
Engendrou este fedelho !  
Ai, que peça bem pregada  
Ao senhor Pero Botelho !

*(Saem correndo.)*

---

# ACTO PRIMEIRO

## Quadro IV

O largo da Lapa. Junto a uma casa um cabide na parede, uma esteira no chão, um bahu, uma vela espetada no gargalo de uma garrafa; sobre uma cama de ferro o Credor fuma tranquillamente e lê um jornal. Muitas pessoas de povo o rodeiam com curiosidade.

### SCENA PRIMEIRA

O CREDOR, 1º e 2º CURIOSOS, PESSOAS DO POVO, depois  
UM POLICIA.

CÓRO.

Oh, que coisa exquesita!  
Estaremos no mundo da lua?!

O riso nos excita  
Ver um typo morando na rua!  
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!  
Esta agora não é má!

O CREDOR.

Paguei na rua do Lavradio  
Por mez de casa trinta mil réis;  
Mas hoje o bello do senhorio  
Não me incommoda por alugueis  
Porém  
Eu não lhe exijo reparações,  
Pois tem  
Tudo na vida compensações.

CÓRO.

Oh, que coisa exquisita! etc.

O CREDOR.

Riam-se! Estou perfeitamente aqui! A casa não pôde ser mais ventilada.

1.º CURIOSO.

Mas diga-nos, porque está o senhor ahí deitado?

O CREDOR.

E' muito simples: tenho um devedor que mora alli defronte, e não ha meio de apanhar-lhe vintem. Como o tenho procurado um ror de vezes, sem nunca o encontrar em casa, resolvi estabelecer aqui o meu domicilio. Desafio-o a que me escape!

1.º CURIOSO.

E se o homem pagar?

O CREDOR.

Se pagar, mudarei de residencia. Morarei defronte de outro devedor. Irei para a rua do Carmo. E' um meio de cobrar dividas e morar de graça.

2.º CURIOSO.

Que cara dura!

O CREDOR.

Eh! lá! não insulte um homem que está em sua casa. Trouxe a minha cama, o meu cabide, o meu bahu de roupa e uma vela para ler um pouco antes de dormir. Com este gaz não ha meio de enxergar as letras.

1.º CURIOSO.

E se chover?

O CREDOR.

Já encommendei um toldo. O tempo está seguro. Espero que não chova antes que elle fique prompto.

2.º CURIOSO.

Mas isto é prohibido !

O CREDOR.

Prohibido? Mostre-me a lei que prohibe ao cidadão viver e dormir na praça publica. Na praça publica o que não se pôde é fazer discursos politicos, isso sim. Mas dormir? Ora viva, meu amigo !

2.º CURIOSO.

A policia catrafila quem não tem domicilio certo.

O CREDOR.

Mas eu tenho-o, que diabo ! E' este... largo da Lapa, casa sem numero, nem portas, nem janellas, nem tecto, nem telhado, nem senhorio. Uma casa que não precisa de claraboia.

2º CURIOSO.

Isto nunca se vio ! (*Entra um policia.*)

O CREDOR.

Vio-se em Athenas. Havia lá um Fulano Diogenes, que passava a vidinha na rua, dentro de uma pipa. Elle trazia uma lanterna ; eu trago um recibo. Elle andava á procura de um homem ; eu tambem, para ver se apanho o meu dinheiro. Somos ambos philosophos.

O POLICIA.

Levante-se, retire-se, ao contrario vae para o xadrez.

1º CURIOSO.

Onde tambem não pagará aluguel.

TODOS.

Apoiado ! Fóra ! Fóra d'ahi ! E' um abuso ! etc. (*Obrigam o Credor a levantar-se no meio de grande algazarra.*)

O CREDOR.

Não ha liberdade neste paiz ! Não pôde um homem estar a gosto em sua casa !...

TODOS.

Fóra ! fóra !...

O CREDOR.

Aos cães concede-se tudo... Podem dormir na rua... podem até fazer alguma coisa mais... e eu não tenho o direito de...

O POLICIA.

Sabe que mais ? Venha explicar-se na estação.

O CREDOR.

E a minha mobilia ?

TODOS.

Vá ! Vá ! Nós levamos tudo isto ! (*Cada um toma um dos objectos, e saem todos, fazendo grande algazarra.*) Vamos á estação ! Vamos ! etc.

## SCENA II

ANTUNES, O BARÃO DO MACUCO, entrando cada um do seu lado.

O BARÃO.

Não me engano... é seu Antunes!

ANTUNES.

O barão do Macuco! Não sabia que estivesse na Côrte!

BARÃO.

Ha quinze dias. Estou hospedado alli no Freitas Hotel

ANTUNES.

Ah, sei... abriu-se ha pouco tempo. E' um bello edificio. Embirro é com o nome: porque Freitas Hotel e não Hotel Freitas?

BARÃO.

Freitas Hotel entra melhor no ouvido. Nisto de nomes um pouco de estrangeirice não faz mal. Nós temos, por exemplo, o hotel do Caboclo (que é onde eu me hospedava antes de ser barão): não era melhor Caboclo Hotel?

ANTUNES.

Ah, sim... Caboclótel... caboclótel... Até parece inglez. Pois, senhor barão, encontra-me muito aborrecido da vida.

BARÃO.

Porque, homem de Deus?

ANTUNES.

Imagine que eu tinha (tinha e tenho) um bilhete inteiro da tal grande loteria de Pernambuco.

BARÃO.

Sahio branco. Console-se commigo, que tinha (tinha e já não tenho) não um, mas tres bilhetes, e foram sessenta mil réis deitados fóra.

ANTUNES, *n'um tom de profunda tristeza.*

Pois eu tirei dous contos...

O BARÃO.

Dous contos?! E é por isso que está aborrecido da vida?

ANTUNES.

Naturalmente. Aborrecido, primeiro por não ter apanhado a sorte grande. De que servem dous contos? Eu posso lá endireitar a vida com dous contos? E segundo porque li nos jornaes que só em Pernambuco se pagam os premios.

O BARÃO.

Mas ora essa! Desconte o bilhete em qualquer kiosque, ou arranje um saque para Pernambuco.

ANTUNES.

Se eu descontar o bilhete, tenho que perder alguma coisa, e a mim convinha-me receber os dous contos intactos. (*Zangado.*) Maldita a hora em que me lembrei de comprar semelhante bilhete! Se eu adivinhasse que me havia de dar tanta massada...

O BARÃO.

Bom! Não vá agora suicidar-se por ter abiscotado dous contos de réis na loteria!

ANTUNES.

Oh, o barão foi feliz! Os seus bilhetes sahiram brancos... Invejo-o.

O BARÃO, *commocido*.

Pois olhe, foi contra a minha vontade. (*Abraçando-o.*) Coitado! pobre amigo! ganhou dous contos de réis e só pode recebê-los em Pernambuco. Que desgraça!

ANTUNES.

E' mesmo muito caiporismo.

O BARÃO.

Tenha paciencia. Não viemos a este mundo senão para soffrer. Olhe, aqui onde me vê, não passei pelo transe de tirar dous contos na loteria, mas tirei-me dos meus cuidados, fui ao Eldorado, e não ha meio de sahir de lá todas as noites. Veja se não é tambem uma desgraça. Vim passar cinco ou seis dias na Côrte, já lá se vão quinze... a baroneza todos os dias chama por mim... e não ha meio de arrancar-me do becco do Imperio. (*Vendo passar Mlle. Fritzmac.*) Ui! que teteia! (*Dirige-se a ella.*)

ANTUNES, *aparte*.

E' o mesmo homem: em vendo rabo de saia...

## SCENA III

ANTUNES, O BARÃO, MLE. FRITZMAC, depois AMOROSA.

O BARÃO.

Minha -senhora, quer um criado para carregar esse embrulhinho?

MLE. FRITZMAC.

Obrigada. Não aceito obsequios de pessoas que não conheço.

O BARÃO.

A senhora diz isso porque não me conhece.

MLE. FRITZMAC.

Mr. de La Palisse faria a mesma observação. Com quem tenho a honra de fallar?

ANTUNES, *aproximando-se.*

Com o barão do Macuco, um dos primeiros políticos da provincia do Rio.

O BARÃO.

E este é o meu amigo Antunes, que acaba de passar pelo doloroso transe de tirar dous contos de réis na loteria . . . quando podia tirar cincoenta.

ANTUNES.

Ou não tirar coisa alguma.

MLE. FRITZMAC, *aparte.*

O barão do Macuco! E' o homem que me convem...

O BARÃO.

E agora posso saber quem é a formosa dama  
com quem tenho a honra de fallar ?

Mlle. FRITZMAC.

Pois não !

WALSA.

Eu sou solteira,  
E independente,  
Vivo contente,  
A viajar ;  
Corro, pe corro  
Todo esse mundo  
Vasto e profundo  
Sem descansar.  
Amo os prazeres,  
E pelo vinho  
Tenho um gostinho  
Particular.  
Appraz-me um typo  
Que me acompanhe  
Quando o champagne  
Possa pagar.  
Patria não tenho,  
Não tenho affecto,  
Não tenho tecto,  
Não tenho lar.  
Eu sou formosa  
Cosmopolita,  
Que necessita  
Rir e folgar !  
Ah !  
Eu sou solteira, etc.

BARÃO.

Bravo ! bravo ! admiravel !,...

ANTUNES, *aparte*.

Está ! cahido !

AMOROSA, *que durante o cânto appareceu, e obsertou sem ser vista, aparte.*

Vae seduzil-o, mas eu o defenderei! (*Sae.*)

O BARÃO.

A madama canta muito bem. Canta muito bem, e entoa. E' do Eldorado?

MILE. FRITZMAC.

Não, mas talvez me contracte lá.

O BARÃO.

E é indiscrição perguntar onde mora?

MILE. FRITZMAC.

O barão cahio-me em graça: não será nunca indiscreto. Moro alli pertinho, no proprio becco do Imperio.

O BARÃO.

Somos visinhos, a madama, o Eldorado e eu. Estou alli no Freitas. (*São interrompidos por um Medrozo, que entra a correr e esbarra em Antunes.*)

---

#### SCENA IV

O BARÃO, ANTUNES, MILE. FRITZMAC, O MEDROZO,  
depois UM PADRE, POVO.

ANTUNES.

Eh! olá! Não enxerga?

O MEDROSO, *esfalfado*.

Ah!... desculpe... E' que... Parece que elles ficaram longe... Vim a correr... desde... o campo de Sant'Anna.

O BARÃO.

A correr de que?

O MEDROSO.

Dous malfeitoses, armado cada um com uma faca d'este tamanho!

MILE. FRITZMAC, *contente*.

Ah! (*Interessada e sorrindo*.) Mataram alguém?

O MEDROSO.

Mataram uma porção de gente .. e, afinal, não tendo mais a quem matar, esfaquearam um burro de bonde! (*Sae correndo*.)

O BARÃO.

Um burro?! Já não estou bem aqui!

ANTUNES.

Ha perigo.

MILE. FRITZMAC.

Nesse caso, venham cá para casa. Almoçam ambos commigo.

ANTUNES.

Eu não, que não dispenso o meu almoçosinho de 400 réis no Democrata. Até sempre, Barão. Minha senhora...

O BARÃO.

Adeus, seu Antunes, appareça (*Saem todos*.)

*Entra o Padre, com uma tocha quebrada na mão, perseguido pelo povo.)*

O PADRE.

Deixem-me ! deixem-me !...

*(O povo persegue-o, dando uma volta pelo palco, e cantando.)*

CÔRO.

Este padre está demente !

Doido varrido ficou !

Archi-escandalosamente

O padre o padre pintou !

Fião !

Fião !

Deu-nos de tocha ! Que systema novo  
De edificar o povo !

*(Sae o Padre, perseguido pelo côro. Mutação.)*

## Quadro V

Sala rica em casa de Mlle. Fritzmac.

### SCENA PRIMEIRA

MLLE. FRITZMAC, O BARÃO, depois UMA CRIADA.

*(O Barão almoçou bem; traz o collete desabotoado, palita os dentes, e está ligeiramente perturbado pelo vinho.)*

O BARÃO.

Sim, senhor ! Tratou-me á vela de libra !  
*(Aparte).* Nunca vi uma mulher comer tanto !

Mlle. FRITZMAC.

Espere pelo resto.

O BARÃO.

Gostei muito d'aquella... Como é mesmo o nome que você lhe deu?... Manarezi?

Mlle. FRITZMAC.

Mayonaise.

O BARÃO.

E' isso. Eu aprecio tambem os quitutes francezes. Gosto tanto delles como de uma boa feijoadá porca

*(A criada entra, trazendo uma bandeija com duas chavenas de café, uma garrafa de cognac e dous calices. Mlle. Fritzmac passa uma chicara ao Barão.)*

Mlle. FRITZMAC.

Veja se o seu café é melhor do que este!

O BARÃO.

Meu café é do melhor, é de terra ferruginosa. Este anno a colheita será esplendida, se não vier por ahi alguma retirada de negros. Não me queixo dos abolicionistas: queixo-me dos meus collegas que facilitam muito. *(Acaba de tomar café, e Mlle. Fritzmac offerece-lhe um calice de cognac.)* Mais bebida? Emfim, vá lá! *(Depois de tomar o calice de cognac repoltreia-se, palitando os dentes; ella tem tomado tambem o seu calice, e apresenta uma cigarreira ao Barão, depois de accender um cigarro. A criada sae.)*

MILLE. FRITZMAC.

Fuma ?

O BARÃO.

Eu só pito cachimbo. (*Boceja e espreguiça-se.*)

MILLE. FRITZMAC, *sentando-se perto d'elle.*

Sabe que estou sympathisando muito com você?...

O BARÃO.

Qual, madama! Quem sou eu para acompanhar nosso pae fóra de horas!...

MILLE. FRITZMAC.

São destas coisas! A gente sabe lá porque fica embeigado por um homem?... A's vezes é um defeito, uma exquisitice o que nos seduz!... E você sabe: «quem o feio ama bonito lhe parece».

A CRIADA, *entrando.*

Está ahi o Club dos Fenianos.

MILLE. FRITZMAC.

O Club dos Fenianos? Que pretende elle de mim? Fal-o entrar. (*Ao Barão.*) Você dá licença! (*A criada sae.*)

O BARÃO.

O' menina, faça de conta que está em sua casa!...

## SCENA II

OS MESMOS, O CLUB DOS FENIANOS, depois O CLUB DOS DEMOCRATICOS, depois O CLUB DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA.

O CLUB DOS FENIANOS, *apparecendo á porta.*

Dá licença, Mlle. Fritzmac ?

MILLE. FRITZMAC.

Entre, cavalheiro. (*Apresentando o Barão, que comprimenta sem se levantar.*) O Barão do Macuco. (*Ao Barão.*) O Club...

FENIANOS.

Eu mesmo me apresento.

COPLA.

O club eu sou dos Fenianos,  
 Outro melhor não póde haver ;  
 Tenho vencido os demais annos,  
 E agora mesmo hei de vencer !  
 Proclamará por toda a parte  
 Da Fama a voz universal  
 Que só o meu carro de estandarte  
 Vale por todo um carnaval !  
     Não ha, não ha,  
     Nem haverá  
 Assim um club, olá !...

(*Dansa can-can ao som dos ultimos compassos. Durante o canto o Barão dormita.*)

MILLE. FRITZMAC.

Queira sentar-se. (*Sentam-se ambos.*) A que devo a honra de sua visita ?

FENIANOS.

Ao grande empenho de que a senhora faça parte do nosso prestito carnavalesco este anno. Não se arrependerá. E' um excellente annuncio para o seu genero de negocio. Juro que seremos os primeiros em tudo: em grandeza, em luxo, em espirito, em bom gosto e...

MLLE. FRITZMAC.

E em modestia.

FENIANOS.

Peço-lhe ardentemente que não aceite convite de outro club.

MLLE. FRITZMAC.

Pôde ser. Veremos.

FENIANOS.

O Carnaval está a pingar; o tempo é curto e a senhora tem de preparar-se. A senhora é a mais rutilante estrella do nosso horisonte, e o Carnaval é a unica moldura capaz de fazer sobresahir a sua belleza! Oh! venha! decida-se a vir comnosco! Os Tenentes não saem este anno á rua.

MLLE. FRITZMAC.

Ah! não saem? Ha de ver que é a sociedade que se apresenta com mais espirito.

FENIANOS.

Não deixe que os Democraticos nos passem a perna!

MLLE. FRITZMAC.

Pois sim, se me resolver...

FENIANOS.

E' preciso que se note: não consentimos que a senhora faça a menor despeza: escolha a seu gosto uma phantasia, o carro que desejar, os cavallos que quizer, e nós marcharemos com os cobres! Aceita?

MLLE. FRITZMAC.

Darei depois uma resposta definitiva

A CRIADA, *entrando.*

Está ahi o Club dos Democraticos ..

FENIANOS, *aparte, levantando-se.*

Ora bolas!

MLLE. FRITZMAC.

Outro? Que entre!

O BARÃO, *abrindo um olho.*

Não me deixam ficar um instante só com ella!... (*Adormece de novo.*)

FENIANOS.

Encontra o becco tomado.

O CLUB DOS DEMOCRATICOS, *aparte.*

Dá licença?

MLLE. FRITZMAC, *levantando-se.*

Pois não!

DEMOCRATICOS, *entrando.*

COPLA.

O club eu sou dos Democraticos ;  
 Vae o triumpho ser meu só !  
 Outro não ha de mais espirito,  
 Que se apresente mais liró !  
 Nem Progressistas, nem Politicos,  
 Nem Fenianos que sei eu !  
 Não são assim como eu tão pandegos,  
 Nem têm de certo o valor meu !  
     Não ha, não ha  
     Nem haverá  
 Um club assim, olá!...

(*Dansa.*)

MILLE. FRITZMAC.

Vou apresental-o ao Barão... (*O Barão ronca.*)  
 Coitado ! deixal-o dormir ! (*Vae apresentar os Democraticos aos Fenianos, mas elles medem-se com um olhar de desafio e voltam-se as costas.*) Bom, vejo que já se conhecem... (*Cada um dos Clubs dá um grande assovio.*) Sentemo-nos. (*Sentam-se.*)

DEMOCRATICOS.

Minha senhora, vinha convidal-a para tomar parte no nosso prestito este anno... A senhora é indispensavel !

MILLE. FRITZMAC.

Este senhor acaba de fazer o mesmo pedido...

DEMOCRATICOS.

E a senhora comprometteu-se ?

MILLE. FRITZMAC.

Não resolvi coisa alguma.

DEMOCRATICOS.

Nesse caso decida-se por nós. Pagamos todas as despesas e damos-lhe ainda em cima tresentos mil réis.

FENIANOS.

E nós quinhentos...

DEMOCRATICOS.

Seiscentos !

FENIANOS.

Oitocentos !

DEMOCRATICOS.

Um conto de réis !

FENIANOS, *depois de hesitar.*

Um conto e vinte e cinco mil réis ! (*Olha victorioso para o rival. Aparte.*) Quero ver se cobre o lance !...

DEMOCRATICOS.

Minha senhora, nós lhe faremos uma pensão mensal de duzentos mil réis durante toda a sua vida. Isso é mais seguro. Um conto e vinte e cinco mil réis gastam-se n'uma pandega, ao passo que a senhora terá aquelles cobrinhos certos no fim de cada mez...

FENIANOS.

Eu faço-lhe um patrimonio, minha senhora !

DEMOCRATICOS.

Eu arranjo-lhe um dote !

FENIANOS.

Eu dou-lhe um noivo !

DEMOCRATICOS.

E eu dous !

A CRIADA, *entrando.*

Está ahi o Club dos Progressistas da Cidade Nova !

OS DOUS, *levantando-se.*

Heim ?

MLLE. FRITZMAC, *levantando-se.*

Ainda ? Manda-o entrar ! Já agora farei colleção !

O BARÃO.

Estou roubado !... (*Torna a adormecer e d'ahi em diante resona.*)

DEMOCRATICOS.

Pois a senhora dá confiança aquelle typo?...

FENIANOS.

Até a Cidade Nova !...

O CLUB DOS PROGRESISTAS DA CIDADE NOVA, *entrando.*

Dá licença, minha senhora ? Oh ! os collegas por cá ?... Agradavel surpresa !...

FENIANOS.

Viva !

DEMOCRATICOS.

Adeus !

PROGRESSISTAS, *aparte.*Impostores !... (*A Mlle. Fritzmac.*) Senhora madama, faça favor de me ouvir.

## COPLA-LUNDU'.

Eu não sou nenhum gabola ;  
 Sou modesto e faço bem ;  
 Dar não pôde o mais pachola  
 Mais do que tem.  
 Se a madama no meu carro  
 Quer ir cheia de europeis,  
 Immediatamente escarro  
 Trinta mil réis.

(Dança.)

## FENIANOS.

Creio que o amigo perde o tempo... nós já cá  
 estávamos, e eu em primeiro logar !...

O BARÃO, *sonhando*.

Vinte mil arrobas a dez mil réis... Duas vezes  
 um dous... (*Resmungu.*)

## FENIANOS.

Dê-me preferencia ! Cheguei em primeiro  
 logar ! Eu disponho do que ha de melhor no ge-  
 nero mulher!...

## DEMOCRATICOS.

Não lhe dé ouvidos ! aquillo tudo é prosa !

PROGRESSISTAS, *querendo conciliar-os*.

Então, collegas, então! (*E' repellido pelos  
 dous.*) Ah ! orgulhosos ! Querem a guerra ? !  
 Pois bem— guerra ! (*Os tres .começam a fallar  
 de modo que ninguém entenda, disputam e  
 caem por cima do Barão, que desperta sobresal-  
 tado, pedindo por soccorro; mas, vendo que se trata  
 de tres imprudentes, agarra na cadeira e corre com  
 elles, emquanto Mlle. Fritzmac ri ás gargalhadas.*)

## SCENA III

Mlle. FRITZMAC, o BARÃO, depois a CRIADA.

O BARÃO.

Que desordeiros !

Mlle. FRITZMAC.

Deixal-os !

A CRIADA, *entrando, baixo.*

Está ahí um mocinho, muito bonitinho, que quer fallar com a senhora ..

Mlle. FRITZMAC.

Que ?... Ainda algum club ?..

A CRIADA.

Não, minh'ama, é um moço de espirito : deu-me esta moeda !

Mlle. FRITZMAC.

Uma libra ? Deve então ser muito rico... Fal-o entrar !

O BARÃO.

Que segredinhos são esses ?..

Mlle. FRITZMAC.

Chi ! Que cara de somno !... Olhe ! entre n'aquelle quarto e lá encontrará onde dormir.

O BARÃO.

Mas observo-lhe que não gosto de estar muito tempo sosinho... (*Sae.*)

MLLE. FRITZMAC.

Manda entrar o mocinho. (*A criada sae. Entra Amorosa, disfarçada em rapaz.*)

## SCENA IV

M<sup>LE</sup>. FRITZMAC, AMOROSA.

AMOROSA.

Queres seduzir esse pobre chefe de familia, mas a seduzida serás tu !

MLLE. FRITZMAC.

Ah ! (*Aparte*) Como é lindo !...

AMOROSA.

Perdoe, minha senhora, tanta ousadia... Se assim o ordena, retiro-me... (*Faz menção de retirar-se.*)

MLLE. FRITZMAC, *correndo para elle, com impeto, e tirando-lhe o chapéo das mãos.*

Não! Não saia, e diga o que o trouxe aqui.

AMOROSA.

O que me trouxe foi o... amor !

MLLE. FRITZMAC.

O amor ?...

AMOROSA.

O amor, sim, minha senhora.

COPLA.

Eu vi teus olhos divinaes,  
E nunca mais tive socego,  
Pois cada vez te adoro mais  
E amar-te é o meu unico emprego.

Vim declarar-te o meu amor,  
 Guardar não posso este segredo...  
 Vê como tremo, ó minha flor!...  
 Não sei de que, mas tenho medo!

Mlle. FRITZMAC.

Pobre rapaz!...

AMOROSA.

Nunca amei outra mulher, nem nunca pensei que o amor fosse um sentimento tão despótico! Depois que te amo, só em ti penso, só te vejo a ti! Nada mais te peço, entretanto, senão que me deixes de vez em quando passar alguns momentos com as tuas mãos entre as minhas.

Mlle. FRITZMAC, *aparte*.

Coisa estranha! E não é que estou sensibilizada? Sinto neste instante por elle o que nunca senti por ninguem! Dir-se-ia que tambem o amo!

AMOROSA.

Se quizeres, serei teu e só teu. Mudarás de vida... levar-te-ei para o campo... casar-nos-mos... Que existencia feliz e honesta passaremos n'uma casinha, entre arvores, até que, depois de muitos annos de virtude, sempre ao lado um do outro, cercados pelos nossos filhos e pelos nossos netos, eu te veja, coroada de cabellos brancos, passar entre o bom povo do campo, aureolada pelas bençams de todos, e amada por Deus (*Mlle. Fritzmac estremece*), que nos esperará no céu, sorrindo, de braços abertos!

Mlle. FRITZMAC, *afastando-se.*

Cala-te, criança! Esses prazeres não se fizeram para mim! se para o teu amor é necessario o meu arrependimento, foge de mim, nunca mais me procures!

AMOROSA.

Vejo que não poderás ser minha... Adeus!  
(*Mlle. Fritzmac não responde. Amorosa retira-se lentamente e sae.*)

Mlle. FRITZMAC, *depois de algum tempo.*

Não! Não posso separar-me d'elle! Amo-o!  
(*Põe o chapéo e sae.*)

— — —  
SCENA V

O BARÃO, depois o CONGRESSO DOS FENIANOS.  
depois a CRIADA.

O BARÃO, *entrando e vendo-a sahir.*

Madama! madama! Ella sae? Nada, isso é que não está no programma! (*Péga no chapéo, vae a sahir e esbarra-se com o Congresso dos Fenianos.*) Oh, senhor! (*O Congresso vae fallar.*) Não lhe posso dar attenção! (*Sae.*)

A CRIADA, *entrando.*

Que deseja o senhor?

O CONGRESSO DOS FENIANOS.

Fallar a Mlle. Fritzmac.

A CRIADA.

Sahio neste momento. (*Aparte.*) Estes meninos !...

O CONGRESSO.

Pois quando ella vier, tenha a bondade de lhe dar este cartão... e pedir-lhe que não se comprometta com ninguem. (*Sae.*)

A CRIADA, só, lendo o cartão.

Congresso dos Fenianos. Tambem este ! (*Indo gritar á porta.*) Cresça e appareça ! (*Sae pelo lado opposto. Mutação.*)

## Quadro VI

No Jardim Zoologico.

### SCENA PRIMEIRA

A RAPOSA, A ONÇA, O LEÃO, O JACARÉ, O TIGRE, O GALLO, que descem ao proscenio ; depois o CHEFE DOS COELHOS.

CÔRO.

Do Jardim Zoologico  
Eis o ministerio !  
E, como hoje é sabbado,  
Ha conselho, e serio !

A RAPOSA.

Vamos lá, meus senhores ! Antes de expor os negocios publicos á nossa amavel rainha, a magestosa gazella, precedamos a um pequeno ensaio geral.

TODOS.

Apoiado!

A RAPOSA.

Tanto na pasta dos negocios interiores, como na dos negocios exteriores, ambas commigo, não ha novidade de maior. Falle o senhor Onça, ministro das finanças.

A ONÇA.

Excellentissimo senhor Raposa, as finanças estão na mesmopé e na mesma mão em que estavam sabado passado. As coisas vão perfeitamente, e melhor hão de ir se me deixarem realisar as reformas que projecto.

A RAPOSA.

Ainda bem... vê-se que estar a Onça no governo não quer dizer que o governo esteja na onça.

TODOS.

Apoiado!

A RAPOSA.

E que diz o senhor Gallo, ministros dos rolos?

O GALLO.

Não ha novidade no gallinheiro. Depois que lhe pozemos aquella tranca, reina a paz... em Varsovia.

A RAPOSA.

Ainda bem. Senhor Leão, ministro da lavoura, que ha de novo pela sua pasta?

O LEÃO.

Grandes projectos, meu senhor, grandes projectos ! A existencia d'este jardim começa apenas, e o nosso maior cuidado deve ser povoal-o. Conto que não fique aqui logar para uma formiga.

A RAPOSA.

Muito bem. E o senhor Tigre? que tem feito ?

O TIGRE.

Ah, senhor presidente, esta pasta das coisas justas, habitualmente tão calma, está começando a dar-me agua pela barba !

A RAPOSA.

Que me diz ?

O TIGRE.

Que o diga alli o senhor Jacaré, ministro das aguas.

O JACARÉ.

E' verdade; as coisas não vão lá para que digamos.

A RAPOSA.

Mas expliquem-me...!

O JACARÉ.

Olhe, é melhor que vossa excellencia se informe com o chefe dos coelhos, encarregados da ordem publica. Elle ahi vem. (*O Chefe dos Coelhos entra apressado.*)

A RAPOSA.

Então ? que ha ? que ha ?

O CHEFE DOS COELHOS.

O diabo com botas! Os meus coelhos estão atrapalhadissimos!

A RAPOSA.

Mas porque?

O CHEFE DOS COELHOS.

Estava um peixe a fazer desordem fóra do seu elemento. Um coelho prendeu-o, mas teve o desaso de tratá-lo como a um reles paraty quando era um badejo de alta presapia.

A RAPOSA.

E d'ahi?

O CHEFE DOS COELHOS.

D'ahi, é que os peixes escamaram-se, e voltaram-se todos contra os coelhos!

A RAPOSA.

Fizeram-n'a bonita! (*Ao Tigre.*) Vá immediatamente demittir o coelho que deu causa ao conflicto! (*O Tigre sae.*) E' preciso ter muito cuidado com aquella gente. Se elles não se satisfizerem com essa demissão, as coisas ficarão muito entroviscadas.

O CHEFE DOS COELHOS.

Antes que ellas se entrovisqueem, peço a vossa excellencia que me metta na relação dos benemeritos. O seguro morreu de velho.

(*Barulho fóra.*)

A RAPOSA

Aquillo que é?

O TIGRE, *entrando a correr.*

O bicho está demittido, mas não ha meio de acal mar os outros !

A RAPOSA.

Máo I máo ! máo ! máo !...

---

## SCENA II

OS MESMOS, UM GRUPO DE COELHOS, UM GRUPO DE PEIXES, aquelle perseguido por este.

CÔRO

OS PEIXES.

Vingança, amigos, vingança !  
Vingar-nos todos devemos !  
Lavemos sem mais tardança,  
O insulto que recebemos !

OS COELHOS.

Desejam todos vingança !  
Pois bem ! fugir-lhes devemos !  
Fujamos sem mais tardança,  
Senão, em boas nos vemos !

A RAPOSA.

Sabem que mais ? Vou expor todas estas circumstancias á nossa amavel rainha, e pedir providencias contra tamanha falta de disciplina ! Esperem-me ahi vocês, que já volto. (*Sae.*)

O TIGRE.

Um... a rainha é capaz de dar razão aos peixes !

A ONÇA.

E se assim for, vamos para es peixinhos.

O CHEFE DOS COELHOS.

Comtanto que me mettam na relação dos benemeritos.

O GALLO, *olhando para dentro.*

Vejam!... o senhor Raposa conversa com a rainha...

A ONÇA.

Sua magestade está com cara de poucos amigos...

O TIGRE.

A conversação anima-se.

O CHEFE DOS COELHOS.

Gesticulam ambos.

O GALLO.

Céus!

TODOS.

Que é?

O GALLO.

O senhor Raposa entregou as suas pastas!  
(*Atirando-se ao chão.*) Cahí!...

TODOS, *menos o Leão e o Chefe dos Coelhos, atirando-se ao chão.*

Cahimos!

A RAPOSA, *entrando muito cabisbaixa, e atirando-se também ao chão.*

Cahí!... (*Ao Chefe dos Coelhos.*) Você também cahio!

O CHEFE DOS COELHOS.

Eu? Pois isso é possível? (*Sentando-se no chão, muito desconfiado e aos poucos.*)

A RAPOSA.

Cahio, sim, senhor, cahio, e deu causa a que todos nós cahissemos. A rainha exigio a sua demissão. Eu apoiei-o... nada! — fiz fincapé, ella tambem, e não tive remedio senão resignar o poder!

O CHEFE DOS COELHIOS.

Estou arranjadinho !...

A RAPOSA, *ao Leão.*

Olá, amiguinho, está de pé? Olhe que você tambem cahio!

O LEÃO.

Eu? Boas! Estava com vocês por honra da firma! Hei de fazer parte do novo governo!... (*Sae.*)

(*Ouvem-se foguetes.*)

A RAPOSA.

Estão ouvindo? A noticia é recebida com foguetorio! Aposto que hão de deitar luminarias na gaiola dos macacos! (*Suspirando.*) Ah!...

TODOS, *suspirando.*

Ah!...

CÓRO.

N'esta vida sem ventura  
Tudo é perfida illusão:  
Pensa a gente estar segura  
Quando leva um trambolhão!

Ai, ai!

Ai! ai!

Tudo n'este mundo  
De catrambias cae!  
Ai!

(*Os bichos acabam chorando. Findo o canto, apparece o Commendador Villa Isabel, que estaca ao ver a bicharia reunida.*)

### SCENA III

OS BICHOS, que logo saem, o COMMENDADOR VILLA-ISABEL, depois o BARÃO DO MACUCO; depois o CARNAVAL, depois MLE. FRITZMAC e AMOROSA, depois PERO BOTELHO, depois o BARÃO e o COMMENDADOR VILLA-ISABEL, depois o AMOR.

VILLA ISABEL.

Que é isso? que pandega é esta?... Já para os seus logares! (*Todos os bichos se levantam e fogem.*) São temiveis! Em apanhando a gente descuidada, vêm cá para fóra fazer politica!...

O BARÃO, *entrando, comsigo.*

Qual! já perdi as esperanças de encontral-a... Metteu-se com o pelintra n'um bonde de Villa Isabel... julguei que tivessem vindo para o Jardim Zoologico.

VILLA ISABEL.

Oh! barão!...

O BARÃO.

Oh! commen. . Commendador ou barão tambem?

VILLA ISABEL.

Commendador... commendador... mas não tarda por ahí o baronato.

O BARÃO.

Não me canço de admirar o seu jardim...

VILLA ISABEL.

Meu é um modo de dizer.

O BARÃO.

Oh! o commendador tem sido a alma d'este bairro victorioso! Vejo constantemente nas *Noticias varias* os presentes que todos os dias se fazem ao Jardim Zoologico. Hei de mandar-lhe tambem dous macacos e uma jararaca.

VILLA ISABEL.

Serão recebidos com muito prazer.

O BARÃO, *aparte.*

Não lhe poder eu mandar minha sogra!... (*Entra o Carnaval, e vae sentar-se n'um banco a meditar profundamente até chegar-lhe a occasião de fallar.*)

VILLA ISABEL.

Temos ahí uma onça muito bonita, chegada hoje. Quer vir vel-a?

O BARÃO.

Com todo o prazer. (*Aparte.*) O que eu queria era encontrar a pequena!

VILLA ISABEL.

Venha por cá. (*Sae com o Barão.*)

(*Mlle. Fritzmac entra com Amorosa.*)

MILLE. FRITZMAC, *correndo.*

Ai, que linda borboleta! que linda! Ora! vouu!...

AMOROSA.

Pousou naquelle galho... vou apanhal-a e trazer-lh'a, mas com a condição de que lhe não fará mal.

MILLE. FRITZMAC.

Descança. (*Amorosa sae.*) E' singular! Operou-se uma revolução completa em todo o meu ser! Como adoro este rapaz... uma adoração pura... sagrada... quizera vel-o sempre, sempre ao meu lado, e, no entanto, não me tarda o momento de estar com elle a sós... Se Pero Botelho soubesse d'isto...

PERO BOTELHO, *deitando a cabeça fóra do tronco de uma arvore.*

E's uma idiota!

MILLE. FRITZMAC.

Pero Botelho!

PERO BOTELHO.

Os momentos são preciosos... Pois não vêes, minha tonta, que esse mancebo por quem te apaixonaste é uma mulher como tu?

MILLE. FRITZMAC.

Uma mulher!

PERO BOTELRO.

E' a summa das virtudes como tu és a summa dos Peccados. Obra do Amor, que me quiz pregar uma peça; mas para cá vem de carrinho. Não me posso demorar mas tempo. Cautela! (*Desapparece.*)

MLLE. FRITZMAC, só.

Em que esparrela ia eu cahindo!

AMOROSA, *coltando com a borboleta.*

Aqui a tens, meu amor! E' azul como os teus olhos e doirada como os teus cabellos!

MLLE. FRITZMAC, *toma a borboleta, esmaga-a e pisa-a aos pés.*

Ahi tens o caso que faço da tua borboleta! (*Gesto de espanto de Amorosa.*) Julgas que continuarei a ser o teu ludibrio? Descobri toda a verdade, e a tempo de evitar que frustes o desempenho da minha missão! (*Vendo o Barão, que entra com o Comendador Villa Isabel.*) E' o diabo que o envia! (*Vae abraçar o Barão; Villa Isabel foge envergonhado.*) Oh, meu bom amigo... meu querido Macuco... já te não largo!...

O BARÃO.

Ora graças!

MLLE. FRITZMAC.

Vamos jantar alli ao hotel...

O BARÃO.

Mas que foi isto?

Mlle. FRITZMAC.

Vamos! (*Sae com o Barão, que lança um olhar de triumpho a Amorosa.*)

AMOROSA, só.

Não ha que ver! Fui vencida pelo diabo!

O AMOR, *apparecendo.*

Vencida! Isso é o que havemos de ver!

AMOROSA.

Ah! és tu? Ainda bem! Inspira-me; dize-me o que devo fazer.

O AMOR.

E' preciso que esse homem se apaixone por ti. E' o unico meio de salvá-o. Vae!

AMOROSA.

Serás obedecido. (*Sae.*)

O AMOR, só.

A Fritzmac tem seguido muito mal as instrucções do diabo. Atracou-se a um homem isolado, sem se lembrar de que uma andorinha só não faz verão. A minha victoria será ainda mais facil do que eu suppunha.

COPLAS.

I . . .

Quando n'algum ponto  
Metto o meu bedelho,  
O poder affronto

De Pero Botelho.  
 'Stava eu bem servido  
 Se fosse vencido!  
 Meu pobre Pero Botelho,  
 Tu cantas, mas não entoas...  
 Venceres este fedelho ?  
 Boas!

## II

Quando antigamente  
 Era um deus vendado,  
 Fui por toda a gente  
 Bem mystificado.  
 Hoje nem por graça  
 Já ninguem me embaça...  
 Meu pobre Pero Botelho, etc.  
 (*Desapparece.*)

## SCENA IV

O CARNAVAL, depois o ENTRUDO, depois o HIGH-LIFE.

O CARNAVAL, só, erguendo-se.

Desanimado estou ! Não tenho ideias !  
 Mas não ! mas não ! Desanimar não quero !  
 Hei de vencer, espero !  
 (*Outro tom*) Estou bem aviado !  
 Pois o Entrudo não vem para este lado ?  
 o ENTRUDO, *entrando.*  
 O' Carnaval tyranicô !  
 Maldito sejas, que a victoria é tua !  
 Já não se encontra uma bisnaga tímida,  
 Nem um limão de cheiro sae á rua !  
 Quizera que tu, despota,  
 Me disses a causa dos meus males !  
 Porque razão não tenho o teu prestígio ?  
 Porque razão não valho o que tu vales ?

O CARNAVAL.

Não me interrompas ! cala-te, defunto !  
 Não me vês dando tratos ao bestunto ?

O ENTRUDO.

Tu procuras espirito ?  
 Encontra-o não podes nesse vaso !  
 E' mel que não se fez para os teus labios.

(*O Carnaval encolhe os hombros.*)

Ris-te, provavelmente, se eu acaso  
 Te disser que fui muito espirituoso.

O CARNAVAL.

Não me rio : deploro-te !

O ENTRUDO.

Pois ouve-me, orgulhoso :  
 Uma bisnaga, delicadamente  
 Espremida por mão de sinhasinha,  
 Ao passar por um Juca de repente,  
 Muito mais graça tem, por vida minha !  
 Que um boneco mal feito.  
 Representando um celebre sujeito.

O CARNAVAL.

Vae-te catar !

O ENTRUDO.

Quem pandego não acha  
 Um bom limão de cheiro de borracha,  
 Como uma bala o espaço atravessando  
 E uma velha cartola derrubando,  
 Que um typo traga na cabeça ?

O CARNAVAL.

O' tolo,  
 Não me esquentes o miolo !  
 D'este modo não posso ter espirito !

## O ENTRUDO.

Um bom mergulho n'uma tina dado  
Faz rir como não faz um mascarado  
Dizendo asneiras do alto da carroça !

## O CARNAVAL.

Falla p'rahi, que eu faço vista grossa !

## O ENTRUDO.

Pois é crível que nem sequer distingas  
As classicas seringas,  
D'essas que a medicina hoje condemna  
E que o grande Molière poz em scena?  
Ha lá nada mais comico?

## O CARNAVAL

E mais sujo?  
Foje, senão eu fujo !  
Fazes-me o effeito de um montão de lixo !

## O ENTRUDO

Como tem graça o esguicho  
Que sae do bico da gentil seringa,  
E, descrevendo graciosa curva,  
Vae molhar uma velha que resinga !  
E o limãosinho pandego, bonito,  
A quebrar-se n'um collo de donzella ?  
E o susto? e aquelle grito  
Que solta a moça bella  
Quando bate o limão n'outro mais rijo ?  
Achas-me sujo? Adeus! não me corrijo !  
Não é por me gabar, porém sustento  
Que hei promovido muito casamento;  
Muitos banhos de egreja são causados  
Por meus banhos brutaes. — O' salafretario  
Algum dia casaste uns namorados?  
Antes pelo contrario,  
Já descasado tens alguns casados.  
E taes façanhas não têm sido poucas !

O CARNAVAL.

Orelhas moucas a palavras oucas !

O ENTRUDO.

Vejo que passa alli, ó céos ! que dita !  
Uma negra bahiana e bem bonita !

Adeu ! adeus, ó filho !

Vou mascarar-lhe a cara com polvilho !

*(Sae.)*

O CARNAVAL, só.

Nem á mão de Deus Padre arranjo espirito !  
Atrapalhar-me veio este abelhudo !  
Nem uma ideia ! nem uma facecia !  
Estou quasi tão besta como o Entrudo !O HIGH-LIFE, *entrando.*

Pois espirito o Entrudo ter bem póde.

O CARNAVAL

Quem és tu ?

O HIGH-LIFE.

O meu nome não te acode,  
Porque nós não nos vemos ha que seculos !  
Eu sou o High-life, e quero que repares  
Na batalha das flores, de Petropolis,  
E depois me declares  
Se aquillo tem ou se não tem espirito !*(Mutaçào.)*


---

## Quadro VII

Scena de phantasia. Bailado de flôres animadas.

*Depois do bailado começa a chover torrencialmente. Cada uma das flores abre um guarda chuva.*

# ACTO SEGUNDO

## Quadros VIII e IX

A rua da Misericórdia, entre a Camara dos Deputados e a rua da Assembléa.

### SCENA PRIMEIRA

MENDIGOS, que atravessam a scena para o lado do mar; o BARÃO, AMOROSA, vestida modestamente.

CÔRO DE MENDIGOS.

Sem levar magoas  
No coração  
Vamos do Mangue  
P'r'o Galeão.  
Nosso passado  
Sem mais tardar  
Vae o trabalho  
Regenerar.

*(Saem os Mendigos. Aparecem o Barão e Amorosa).*

AMOROSA

São os azylados do Mangue, que vão para a ilha do Governador. Vamos assistir ao embarque?

O BARÃO.

Não; tenha paciencia, menina. Quero estar junto da Camara, para acompanhar de perto os acontecimentos.

AMOROSA.

E eu não o deixo um só instante. Tenho tantos ciumes do senhor!

O BARÃO.

Não comprehendo como tem tantos ciumes de mim, e consente que se prolongue assim este platonismo. Creio que é platonismo que se chama...

AMOROSA.

O melhor da festa é esperar por ella.

O BARÃO.

Quem espera desespera.

AMOROSA.

Quem espera sempre alcança.

O BARÃO.

Já com a outra foi a mesma coisa!

AMOROSA.

Pelo amor de Deus não me falle da outra.

O BARÃO.

Que infelicidade a minha! Levei-a a jantar ao restaurante do Jardim Zoologico, e ella apanhou uma tremenda indigestão, cujos effeitos duraram perto de um mez. Pobre Mlle. Fritzmac! Mas tambem nunca vi comer com tanta voracidade! O homem do restaurante levou-me 45#000 pelo

jantar, e eu achei que foi de graça! Antes que ella ficasse restabelecida, tive a ventura (a ventura ou a desgraça), de encontrar a menina, e desde então me deixei subjugar completamente pelos seus encantos. Já não acho graça na Fritzmac!

AMOROSA.

E quem sabe se a natureza do nosso affecto não se transformará? Quem sabe se o senhor não será ainda para mim um pae?

O BARÃO.

Com franqueza: prefiro ser um paió!

AMOROSA.

Pois bem, se lhe não agrada o nome de pae, será meu irmão mais velho.

O BARÃO, *com força.*

Nunca!... (*Comsigo.*) Entretanto, é exquesito... tenho por ella um certo respeito... Aprecio aquelles escrupulos, por mais singulares que me pareçam, e não seria capaz de uma violencia!

## SCENA II

O BARÃO, AMOROSA, DOUS LYCURGOS, depois um ASPIRANTE DE MARINHA, depois 1.º e 2.º HOMENS, depois O CONSELHEIRO JACOB, depois O PADRE SOLDADO.

(*Os dous Lycurgos atravessam a scena.*)

1.º LYCURGO.

Vossa excellencia é um ladrão confesso!

2.º LYCURGO.

E vossa excellencia é uma pustula que hei de espremer!

(*Desapparecem.*)

O BARÃO.

Não faça caso... são dous lycurgos, que repetem na rua as amabilidades trocadas lá dentro.

O ASPIRANTE DE MARINHA, *entrando e collocando-se entre o Barão e Amorosa.*

Então? que tal acham este fato?

AMOROSA.

Muito feio.

O BARÃO.

Reprobadissimo.

O ASPIRANTE.

Que? pois este uniforme é feio? o *dolman* reprobadissimo?!...

AMOROSA.

Houve confusão. O senhor referio-se ao facto...

O BARÃO.

E nós nos referimos ao facto.

O ASPIRANTE.

Fallava-lhes do *negligé* da Armada Nacional.

COPLA.

N'um corpo esvelto e chibante,  
 Todo airoso e perfilado,  
 Nada ha de mais elegante  
 Do que um *dolman* bem talhado.

As sinhasinhas por isto  
De amores ficam babadas ;  
Depois que este *dolman* visto,  
Tenho mais tres namoradas.

(*O Aspirante sae. Entra da esquerda um homem, acompanhado por outro, que traz um livro e uma campainha na mão.*)

1.º HOMEM.

Escusa de insistir ! Juro que não juro ! E' contra as minhas ideias ! (*Sae pela direita.*)

2.º HOMEM.

Venha cá ! (*Vae seguil-o.*)

O BARÃO, *agarrando-o.*

Que ha, meu amigo ?

2.º HOMEM.

E' aquelle herege que não quer jurar nem pelo diabo !

AMOROSA.

Com razão ! Pelo diabo ninguem jura !

2.º HOMEM.

Estou vendo que ha de ser preciso alterar o regimento ! (*Gritando a sahir pela direita.*) Venha cá ! Venha jurar, homem de Deus ! (*Sae.*)

O BARÃO.

Isto aqui está muito divertido. (*Vendo entrar o Conselheiro Jacob, que traz uma malla.*) Oh, con-

selheiro Jacob! De volta de Pariz! Dou-lhe os parabens... apanhou finalmente a sua Rachel...

O CONSELHEIRO JACOB.

Ah, meu amigo, não foi porque Labão o quizesse! Olhe que trabalhei!... Fui candidato vinte e tantos annos!... Hei de escrever a historia das minhas eleições. Pelo menos tres volumes!

AMOROSA.

Agua mole em pedra dura...

O CONSELHEIRO JACOB.

Bem... lá estou na rua do Areial ás ordens dos amigos.

O BARÃO E AMOROSA.

Conselheiro! (*O Conselheiro Jacob sae.*)

O BARÃO.

Isto aqui esta muito divertido! (*Vendo entrar o Padre-Soldado.*) Quem será este agora?

O PADRE SOLDADO.

Pscio... (*Vem ao meio dos dous.*)

COPLA.

MUSICA RELIGIOSA.

Por esta batina tectrica,  
 Por este ar de santarrão,  
 Já sabeis que canto vespervas  
 E que prégo o meu sermão.

(*Transforma-se em soldado. A musica muda de andamento e toma character marcial.*)

Eu sou soldado,  
Sou desertor !  
E ao velho estado  
Volto ao som da trombeta e tambor !  
Tra la la la !  
Rataplan plan !...

(*Sae marchando.*)

AMOROSA.

Padre e soldado !

O BARÃO.

Não será tambem estudante ?

### SCENA III

O BARÃO, AMOROSA, PESSOAS DO POVO, que entram a pouco e pouco, O PROJECTO, que atravessa a scena da direita para a esquerda montado n'um velocipede, com uma casaca de abas exageradamente compridas ; depois o 1º VENDEDOR DE CANIVETES, depois O PROJECTO, depois o 2º VENDEDOR DE CANIVETES, depois o 3º VENDEDOR DE CANIVETES.

O PROJECTO, *emquanto atravessa a scena.*

Eu sou o projecto ! Venho de S. Paulo ! Deixem-me passar ! Não tenho tempo a perder !

O POVO, *acclamando-o.*

Viva ! viva !...

O BARÃO.

E' elle ! E' o projecto, que vem de S. Paulo !

Entrou na Camara ! Meu Deus ! que velocidade !  
Ai, os meus ricos pretinhos !...

AMOROSA.

Esqueça-se dos seus interesses e só se lembre da liberdade de tantos homens.

O BARÃO.

O grande caso é que, quando estou a seu lado, a minha indignação diminue consideravelmente.

*(A scena tem se enchido. No meio do borbórinho geral, entra o 1º Vendedor de Canivetes e é logo rodeado de povo, que faz voseria.)*

CÓRO.

Quem será este sujeito,  
Este typo que aqui estás ?  
Quer vender alguma coisa :  
Vamos ver o que será !

1º VENDEDOR DE CANIVETES.

Meus senhores, compraes o canivete abolição !

TODOS.

Bravo ! bravo !... *(Indignação do Barão, que é contido por Amorosa.)*

1º VENDEDOR, mostrando um canivete.

Esta folha chama-se a *Cidade do Rio*... é a mais pequenina, mas é também a mais cortante. Esta outra folha, a maior, chama-se o *Paiz* ; corta que nem uma navalha ! Esta aqui, cheia de figurinhas, chama-se a *Revista Illustrada* ! Compraes

comprae todos o canivete! O canivete-abolição extrae, destroe, extirpa, extermina esse callo chamado escravidão, com o qual o paiz não pôde dar um passo para diante!...

TODOS.

Venha! venha!... (*O Vendedor distribue canivetes, e sae, distribuindo-os sempre.*)

AMOROSA, ao Barão.

O senhor devia ter ficado com um.

O BARÃO.

Não! — aquelles canivetes amolam-me!

(*O Projecto atravessa a scena, em sentido opposto, sempre em velocipede. Leva as abas da casaca cortadas.*)

O PROJECTO, enquanto passa.

Passei na Camará! Vou para o Senado! Não tenho tempo a perder! (*Desapparece.*)

O POVO, acclamando-o.

Viva! viva!...

O BARÃO.

Ai, minha Nossa Senhora, é o projecto, e já vaesem rabo!...

(*Entra o 2º Vendedor de Canivetes e é rodeado pelo povo.*)

2.º VENDEDOR DE CANIVETES.

Meus senhores, compra, compra o canivete-indemnisação !

TODOS.

Fôra ! fôra !...

2.º VENDEDOR, *mostrando.*

Só tem uma folha, e uma folha que só serve para cortar largo, mas é um optimo canivete, e a maior novidade das novidades ! O canivete-indemnisação extrae, destroe, extirpa, extermina esse callo, ou antes esse calote, chamado abolição !

TODOS.

Não queremos ! Fôra ! Fôra !

O BARÃO.

Aquelle compro eu ! (*Dá um passo.*)

AMOROSA, *retendo-o.*

Não !

2.º VENDEDOR.

Não arranjo nada ! (*Sae muito murcho.*)

3.º VENDEDOR DE CANIVETES, *entrando e vendo-se logo rodeado de povo.*

Meus senhores, compra o canivete-republica ! Tem uma infinidade de folhas, e mais esta balança, em que se pesam os direitos do homem, e mais este sacarroilhas, que se chama Principios de 89.

O canivete-republica extrae, destrõe, extirpa,  
extermina esse velho callo—a monarchia !

(*Uns compram e outros não. O 3º Vendedor sae.*)

O BARÃO.

Eu tambem quero a republica, comtanto que  
me deixem ficar com o meu titulo de barão, que  
me custou bem bons cobres.

#### SCENA IV

O BARÃO, AMOROSA, POVO, O PROJECTO, que atra-  
vessa a scena vestido de mulher.

O PROJECTO.

Passei no Senado !

TODOS, *com enthusiasmo.*

Bravo ! Viva ! viva !... (*A scena deve estar com-  
pletamente cheia.*)

O BARÃO.

E' o projecto... Está vestido de mulher !

AMOROSA.

Naturalmente. Foi convertido em lei.

O BARÃO.

Vamos ao Paço. (*Saem. Os côros descem ao  
proscenio.*)

CÔRO.

Um novo sol brilhante  
 Os horisontes d'esta Patria doira!  
 Foi-se a nodoa infamante!  
 Salve, salve, Princeza redemptora!

*(Rasga-se parte do panno do fundo, e apparece no céo, cercada de flores, uma enorme roseira de ouro. Mutação.)*

---

## Quadro X

Corredor de casa pobre.

## SCENA PRIMEIRA.

ZÉ DO BECCO, depois TRIPAS AO SOL.

*zÉ, fallando para a esquerda.*

Nada, meu amigo, você cá não dorme hoje!  
 Se quizer cama, pague o atrazado!

UMA VOZ.

Amanhan dou tudo junto.

zÉ.

Qual amanhan nem pera amanhan! Você já deve  
 meia pataca de duas noites! Se a continha aug-  
 menta, adeus, minhas encommendas!... De meu  
 rico dinheiro não vejo nem a sombra!

A VOZ.

Pois vá p'r'o diabo, seu burró!

ZE'.

Burro vá elle! (*Vindo ao proscenio.*) Era o que faltava! ter eu aqui, ás ordens d'estes caloteiros, a melhor casa de alugar camas do becco de D. Manoel, celebre pelo horroroso assassinato de um grumete que ressuscitou em Rezende! (*Indo á porta e gritando.*) Não tenho medo de navalha, ouvio?

TRIPAS AO SOL, *entrando com um movimento de capoeira.*

Isso é com o degas?

ZE'.

Oh! não senhor, seu Tripas ao Sol! E' com outro vagabundo que sahio agora.

TRIPAS AO SOL.

Ah! pensei!

ZE'.

Seja bem apparecido por esta sua casa. Ainda o fazia lá pela chacara de Catumby...

TRIPAS AO SOL.

N'este sabbado agora faz quinze dia que eu fui sorto.

ZE'.

E por onde tem andado?

TRIPAS AO SOL.

Por ahi. Tenho visto as festa da abolição.

ZE'.

Dizem que têm estado muito bonitas...

TRIPAS AO SOL.

Você não foi, seu Zé do Becco?

ZE'.

Eu tenho lá licença de arredar pé d'aqui?...

TRIPAS AO SOL.

Pois eu tenho ido a tudo! Fui á missa do campo de S. Christovo; fui ás corrida; entrei lá n'um rôlo damnado; agora acabou-se o cobre, e não ha remedio senão vir dormir barato.

ZE'.

E'! Vocês andam, viram, mexem, mas afinal de contas aqui vêm todos parar! Vocês hão de se capacitar que não ha nada como isto! (*Reparando em Tripas ao Sol.*) Mas, sim senhor: o senhor Tripas ao Sol engordou na Correção!...

TRIPAS AO SOL.

Pois, olhe, a boa vida por lá começa agora.

ZÉ.

Como assim?

TRIPAS AO SOL.

Foi lá quem pôde, provou a boia, achou ella má, e quer que, de hoje em diante, os prezo tenha muito bom bife, muito boa salada, azeitona, e até vinho do Porto!

ZÉ.

Qual! Isso são caraminholas! (*Outro tom.*) Lá vem freguezia!

TRIPAS AO SOL.

Tome os quatro vintem. Vou me deitar, que quero acordar cedo. (*Paga e sae.*)

## SCENA II

ZÉ, SERAPIÃO.

SERAPIÃO, *entrando e tirando o chapéu*

Muito boa noite.

ZÉ.

Boa noite.

SERAPIÃO, *a meia voz.*

O senhor tem ali uma cama disponível? .

ZÉ.

Tenho algumas.

SERAPIÃO.

Preço?

ZÉ.

Para acordar a que horas?

SERAPIÃO.

Seis ou sete da manhan...

ZÉ.

Oitenta réis. (*Aparte.*) Este é calouro...

SERAPIÃO.

E' o ultimo preço?

ZÉ.

São as mais baratas. Ha tambem de tostão, com travesseiro.

SERAPIÃO.

Dispenso o travesseiro. Mas, diga-me uma coisa: não faz um abatimento eu ficando freguez?

ZÉ.

Por quanto tempo?

SERAPIÃO.

Não sei... até a reforma dos correios. Tenho lá um lugar promettido, mas o diabo é que os candidatos são muitos. Conheço uma familia em que ha quatro primos e um tio, todos com promessas de se encaixarem lá.

ZÉ.

Se o senhor quer tomar uma assignatura por mez, dou-lhe a cama por dous mil réis, dinheiro adiantado.

SERAPIÃO.

Adiantado é que é o diabo: tenho a vida muito atrazada! Olhe, eu pago os quatro vintens! Faz favor de me dar a cama?

ZÉ.

Faz favor de me dar o cobre? (*Serapião paga.*)  
O senhor tem somno pezado?

SERAPIÃO.

Pelo contrario, muito leve: para me acordar é bastante puxar-me a perna com força e gritar-me aos ouvidos.

ZÉ.

E' que de vez em quando ha barulho aqui por casa. Se ouvir alguma coisa, faça de conta que não ouviu nada. Vire-se para o outro lado e continue a dormir. Vamos lá. Vou dar-lhe a cama. (*Entram um preto e uma preta, que mal podem andar, porque trazem os pés apertados.*)

SCENA III

UMA PRETA, 1.º PRETO, depois ZÉ, depois 2.º PRETO.

1.º PRETO.

Entra, nhá Bituca! Aqui é que é casa que gente drume por quatro gintem.

A PRETA.

Eu é capaz de jurá que gente aqui não drume tão bem como lá em casa de meu senhô.

1.º PRETO.

Que senhô! Gente não tem mais senhô!... Treze de Maio botou tudo tão bom como tão bom! Diabo é este brutina, que tá me pretando pé.

A PRETA.

Eu tambem tá que não pôde!

ZÉ, *entrando.*

Boa noite! Desejam dormir?

1.º PRETO.

Eu qué drume com miuha praceira, sim senhô.

ZÉ.

N'esta *maison meublée* não ha aposentos separados ! Não ha quartos com menos de oito camas.

1.º PRETO.

Ué ! Então home drume com muié tudo junto ?

ZÉ.

E até crianças ! Olhe ! (*Entra uma turca maltrapilha, com duas crianças pela mão. Paga e sae.*) As crianças só pagam dous vintens : metade do preço.

A PRETA.

Eh, pae João, ante no captivero !...

ZÉ.

Não seja mal agradecida ! não diga mal da liberdade !

1.º PRETO.

Libredade é bom, mas barriga cheia é mió !

ZÉ.

Pois você não está contente com o 13 de Maio ?...

1.º PRETO.

E' ! Pru mode 13 de Maio preto já não vale nem dé tutão !

ZÉ.

O que vocês precisam é dormir ! Passem para cá a bella da meia pataca, e por alli é o caminho !

1.º PRETO, *pagando.*

Tá hi !

*zé, empurra-os para dentro Saem os dous.*

Ahi vem mais gente !

2.º PRETO, *entrando, com as botas na mão.*

Viva a lei 13 de Maio ! Ave libertas !

zé.

Bom ! bom ! nada de barulho, que isto aqui é casa de socego !

2.º PRETO.

Ave libertas !

zé.

Que libertas, nem meio libertas ! Que quer você ?

2.º PRETO.

Cama com travesseiro para um ! Aqui tem o nicolão. Diabo ! tou rouco de dá tanto viva !

zé.

Ainda bem que este está contente !

2.º PRETO.

Pois não ha de tá contente um home, que levou toda a sua vida a trabaiã de meia cara, e agora póde se empregá e ter seu dinheiro no borso?... Branco saíado que deixou a gente tanto tempo no captivero !

zé.

Bem, bem ! Vá dormir, que seu mal é somno !

2.º PRETO.

Ave libertas !

zé.

Mas que é isso de ave libertas ?

2.º PRETO.

Sei lá ! E' francez ! Isso anda em toda a bocca !  
Ave é gallinha e libertas é muié que ficou livre !  
(*Sae.*)

ZÉ.

Ahi vem mais povo. Hoje isto está quente !  
Tambem não admira : dia de pagode !...

— — —  
SCENA IV

ZÉ, UMA MULATA, depois UM ITALIANO, depois  
TIRO E QUEDA.

A MULATA, *entrando.*

Me dê uma cama, seu Zé do Becco ! (*Dando-lhe  
dinheiro.*) Tem ahi mais dous vintem pro café de  
menhan.

ZÉ.

Então tem festejado muito o 13 de Maio ?

A MULATA.

Eu ? Iche ! (*Traçando o chale sobre o hombro.*)  
Prá cá, mais prá cá ! Não sou mulata de trezes de  
Maio, nem de livros de ouro. Esta que aqui está  
pra ser livre não precisou de lezes. O pae de  
meu filho pagou minha carta. Eu até acho que  
os branco faz mal em acabar c'os escravo. Agora  
é que vae se vê o que é vadiação ! (*Sahindo.*) Não  
se esqueça do café de menhan.

zÉ, só.

E' muito prosa esta mulata, mas é boa fregueza.  
(*Entra um italiano, com um realejo e um macaco no hombro.*) Signor, date-me una cama ; ecco il denaro.

zÉ.

Quatro vintens só ? E o macaco ?

O ITALIANO.

Il macaquito anche dove pagare ?...

zÉ.

Aqui os macacos pagam como crianças : metade do preço.

O ITALIANO.

Si lei vuole, lo faró dansare um pouquito, per pagare la sua parte...

zÉ.

Não ! não ! Aqui não se admitte barulho ! Pagate, pagate e não bufate !

O ITALIANO.

Ecco. Povero simioco, trattato come un bambino !

zÉ.

Andate ! andate, mossiu ! (*O italiano sae.*) Já uma vez veio aqui dormir um homem que andava com um urso, mas eu tambem cobrei-lhe dez tostões pelo companheiro ! O diabo do bicho fungou toda noite, que parecia caçoada ! Nessa noite ninguem aqui dormio, nem elle !

TIRO E QUEDA, *entrando.*

Ora viva o seu Zé do Becco !

ZE.

Olá! Venha esse abraço ! Que é feito ?

TIRO E QUEDA.

Ah, seu padre ! eu fui no Cabeça de Porco vê uma roupa lavada, e um portuguez me convidou pro sete e meio. Logo na segunda mão eu já tinha mordido dous crusado, mas o bruto quiz fazer estreias commigo, e eu não lhe conto nada ! Enchi elle e o cabra foi conversá c'as formiga ! Num apis a estalage ficou toda n um sarceiro : cacete voava que nem mosca !

ZE'.

E a canoa ?

TIRO E QUEDA

Canoa só de longe, contemplando os acontecimentos.

ZE'.

Você não toma caminho ! Um dia acaba na ponta de uma sardinha !

TIRO E QUEDA.

Só se fô sardinha de Nantes. Ferro que ha de me furá inda não está feito folha ! Pois não ! um diabo que teve o desaforo de me chamá individuo ! Individuo é home que anda fóra d' hora. (*Ou-rem-se passos apressados na escada.*)

ZE.

Que é isto ?

## SCENA V

ZÉ, TIRO E QUEDA, O BARÃO, depois todos os demais personagens do quadro.

O BARÃO.

*(Entra ensuflado; traz a tiracollo a fita distintiva dos jornalistas nas festas da abolição.)* Escondam-me ! escondam-me por amor de Deus !

OS DOUS.

Que foi ?

O BARÃO.

Aquella mulher é os meus peccados !

OS DOUS.

Que mulher ?

O BARÃO.

Vinha muito descansado alli pela rua da Misericordia, em companhia da outra, quando ella passou n'um bonde, apeiou-se, e fez um chinfrim de todos os diabos !

OS DOUS.

Ella quem ? Ella quem ?

O BARÃO.

Intervenho, naturalmente ; chega a policia...

TIRO E QUEDA.

A canoa.

O BARÃO.

Um soldado toma-me pelo desordeiro e vae prender-me ; eu — pernas para que te quero ? Embarajusto por este becco e entro na primeira porta que encontro aberta ! Onde estou eu ?

TIRO E QUEDA.

Tá diante de um home bom pra lhe defendê !  
Se qué sabê quem é o Tiro e Queda ...

O BARÃO.

Tiro e Queda ?...

TIRO E QUEDA.

E' o meu vulgo ! Se quer saber quem elle é  
aqui seu Zé de becco que lhe informe !

*ze', dando um beijo nos dedos.*

E' obra ! No genero capanga é o que se pode  
encontrar de melhor no mercado.

TIRO E QUEDA, *lisongead.*

Favores que não mereço !...

O BARÃO.

Não me despeço dos seus serviços...

TIRO E QUEDA, *reparando na fita que o Barão traz a tiracollo.*

Ah, espera, vossa senhoria também é desses  
home que escreve nas folha ?

O BARÃO.

Eu não senhor... nunca escrevi senão á fa-  
milia.

TIRO E QUEDA.

Mas essa fita...

O LEÃO.

Dizem que é o distinctivo da imprensa... Mas  
como vejo toda a gente na rua com o tal distin-  
ctivo a tiracollo, comprei também o meu, para não

me distinguir das outras pessoas: não gosto de me dar ares de original.

(*Ouve-se tocar realejo lá dentro e logo uma gritaria infernal de pessoas que protestam e brigam.*)

ZK'.

Heim? Já tardava !...

(*Todos os personagens do quadro entram fazendo algazarra e empurrando o Italiano adiante de si.*)

O ITALIANO.

Perdonate, signori, non é colpa mia ! Il macaquito ha torcito la manivella !

ZE'.

O pescoço torço-lhe eu, se continúa ! Bom ! Toca a dormir ! Não vale a pena. .

(*Todos resmungam.*)

O BARÃO.

Ah ! isto cá é hotel ?

SERAPIÃO.

Hospedaria.

ZE'.

Hospedaria vá elle *Maison garnie*. Vossa senhoria quer uma cama ?

1º PRETO.

Quá ! Branco limpo ha de assujeta a drumi em cama de quatro gintem !

ZE.

Ha tambem de tostão, com travesseiro.

O BARÃO.

Está doido ! Eu posso lá dormir aqui !

TIRO E QUEDA.

Não faça pouco da casa, seu conselheiro, e ouça lá esta cantiga pra ficá sciente.

LUNDU'.

## I

Quem é pobre não tem luxo,  
 Se deixe de emposturia !  
 Metta só feijão no buxo,  
 E, em vez de vinho, agua fria !  
 Deve andar alegre um home  
 E não ter pena nehuma  
 De matar no frege a fome  
 Drumir onde um cão não drumia,  
 Perfeitamente  
 Acha-se aqui  
 Caminha quente  
 Para drumi.  
 Se fôfas pennas,  
 Aqui não tens,  
 Gastas apenas  
 Quatro vintens.

## II

Nesta casa não se acoite  
 Quem pôde ir para os hoteis  
 E pagar por uma noite  
 Pelo menos dous mil réis.  
 Mas logrado está quem julga  
 Ser melhor o tal Ravot,  
 E ter de achar menos pulga  
 Lá no Frères Provençaux.  
 Perfeitamente, etc.

ZE'.

Bom. São horas ! toca a dormir !

O BARÃO.

Eu vou tomar o bondinho. (*Aparte.*) Lá no Freitas sempre estou melhor do que aqui!

(*Os personagens têm-se retirado aos poucos.*)

TIRO E QUEDA.

Eu acompanho vossa senhoria até a sua casa.

O BARÃO.

Pois sim! Vá lá! (*Aparte.*) Dou-lhe dous mil réis! (*A Zé.*) Boa noite!

ZE'.

Boa noite. (*O Barão sae.*)

TIRO E QUEDA, a Zé.

Se elle não marcha com uma de cinco, eu encho elle! (*Sae.*)

ZE', só.

Este diabo é levado! E' pena, porque é boa pessoa, e podia fazer caminho na politica... se tivesse juizo!... (*Sae. Mutação.*)

---

## Quadro XI

No Cassino Fluminense. E' o final de um grande baile. O salão está quasi vazio. Senhoras e cavalheiros passeiam fatigados:

### SCENA PRIMEIRA

CONVIDADOS, depois o VISCONDE QUE DÁ O BAILE, depois o 1º e 2º CONVIDADOS, depois UM CRIADO, com uma bandeja de chocolate.

CÓRO.

Que bello baile!  
 Que animação!  
 Luzes e flores  
 Em profusão!  
 Comes e bebes  
 A' discrição!  
 Que bello baile!  
 Que animação!...

O VISCONDE, *fatigadissimo, vindo ao proscenio.*

Valha-me Deus! já terminou o cotillon... Que faz ainda aqui esta gente? Estou morto por me deitar... Que dia!... Nunca trabalhei tanto em toda a minha vida!... (*Consultando o relogio.*) Já passam de quatro horas. (*Fallando a um e a outro.*) Então, minha senhora, ficou satisfeita com o presente que lhe coube no cotillon? — Conselheiro, porque não trouxe sua senhora? — Dansou muito, doutor? (*Sae, fallando sempre e muito preocupado em obsequiar a um e a outro. Vém ao proscenio o 1º e o 2º convidados.*)

1.º CONVIDADO, *com um pé no ar.*

Arre! que um bruto pisou o meu melhor callo! Também arrumei-lhe uma descompostura como elle tão cedo não ouvirá outra! Não gósto disto. E' a primeira vez que venho ao tal Cassino, e ha de ser a ultima!

2.º CONVIDADO,

Não faça caso, commendador!

1.º CONVIDADO.

Basta que o estúpido das botas me apertem os joanetes que é uma desgraça!...

(Passa um criado levando uma bandeja de chicaras de chocolate. Todos os convidados avançam para elle. O criado levanta a bandeja de modo que não lhe possam tocar.)

VOZES.

Dè cá! Dè cá!

(O criado consegue sahir. O 2º e o 4º convidados encontram-se no proscenio.)

— — —  
SCENA II

CONVIDADOS, 3º E 4º CONVIDADOS, depois o VIS-  
CONDE.

3.º CONVIDADO.

Oh! estás tambem por cá?

4.º CONVIDADO.

Desde o principio. Já fiz tres declarações de amor.

3.º CONVIDADO.

Eu procurei-te, mas podia lá encontrar-te no meio de tres mil pessoas!...

4.º CONVIDADO.

Que tal achaste o baile?

3.º CONVIDADO.

Muito bom: mas estou arrependido de ter vindo. Está aqui todo o commercio. Não dou um passo.

que não encontre um credor. Ainda agora esbarrei com o alfaiate que me fez esta casaca ha dous annos.

4.º CONVIDADO, *examinando.*

Ouvidor?

3.º CONVIDADO.

Hospicio.

4.º CONVIDADO.

Pois olha, está soberba. Devias ter pago.

3.º CONVIDADO.

Ah! isso era muito difficil.

4.º CONVIDADO.

O baile acabou, mas creio que ainda ha o que beber. Vamos tomar alguma coisa?

3.º CONVIDADO.

Vamos lá. Desde a lei de 13 de Maio não faço outra coisa senão tomar alguma coisa.

4.º CONVIDADO.

Já fui a quinze banquetes... (*Afastam-se.*)

O VISCONDE, *a um e a outro, entrando.*

A sua menina gostou da festa? — Jogou a sua partidinha de voltarete? — Porque não trouxe a familia? Ah! veio? Bom!... Minha senhora, por onde anda seu esposo? Divirtam-se, divirtam-se até o fim! (*No proscenio.*) Ora esta! Querem passar aqui o dia!... (*Sae.*)

## SCENA III

CONVIDADOS, O BARÃO, 2.<sup>o</sup> CONVIDADO, 1.<sup>a</sup> SENHORA,  
depois o VISCONDE.

O BARÃO, *conversando com o 2.<sup>o</sup> convidado, que entra  
de braço com uma senhora.*

Pois é verdade, meu caro senhor, não sei para que estas levas para Matto-Grosso ! A cidade está agora, mais do que nunca, infestada de capoeiras ! Aqui ha dias, alli no largo da Lapa, á porta do Freitas Hotel, este seu criado apanhou uma cabeçada na bocca do estomago... porque não quiz dar cinco mil réis a um desses miliantes.

A SENHORA.

Crédo !...

2.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Valia a pena ter-lhe dado o dinheiro.

O BARÃO.

Ah, se eu adivinhasse, dava-lhe até mais alguma coisa. Durante quatro dias não me animei a sahir á rua !...

A SENHORA.

Ainda se demora muito tempo na Côrte, senhor barão ?

O BARÃO.

Não sei, senhora dona Marianna, não sei : ha ahí um negocio, ou antes, dous negocios que me têm prendido. A baroneza, coitadinha ! chama-me todos os dias. Para consolal-a, mandei-lhe o meu

retrato... d'este tamanho .. tirado na photographia União !

2.º CONVIDADO.

Ah ! eu vi-o na Glace Élégante.

BARÃO.

Agora mesmo a baroneza me escreveu dizendo que os negros não abandonaram a fazenda e aceitaram os salarios.

O VISCONDE, *entrando.*

Minhas senhoras... meus senhores... tomaram chocolate ? Está delicioso !

BARÃO, *ao Visconde.*

Oh ! visconde !...

O VISCONDE.

Ah !... perdão !... estou a conhecê-lo e não me recorda...

BARÃO.

Ora essa ! dar-se-á caso que não me conheça e tenha me convidado para a sua festa ? Eu sou o barão do Macuco... Ainda não lhe havia fallado porque sentei-me n'uma cadeira alli n'aquella sala... ao pé da janella, a tomar fresco e peguei no somno. Mas tenho me divertido muito. (*Boceja.*)

O VISCONDE.

Pois, barão, estimo muito que ... (*Saem ambos. O 5º convidado com a senhora têm se afastado.*)

## SCENA IV

CONVIDADOS, 5.<sup>o</sup> CONVIDADO, 2.<sup>a</sup> SENHORA, depois  
2.<sup>o</sup> CONVIDADO e 1.<sup>a</sup> SENHORA, depois UM DIPLOMATA,  
depois 1.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> CONVIDADOS.

O 5.<sup>o</sup> CONVIDADO, *acompanhando a 2.<sup>a</sup> senhora.*

Vamos embora, Roberto... já deu o tiro de peça,  
são horas. A's onze horas eu devo estar de pé,  
senão é uma desordem lá em casa que ninguem se  
entende.

5.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Ainda não tomei chocolate.

2.<sup>a</sup> SENHORA.

Já arranjaste os doces para as crianças?

5.<sup>o</sup> CONVIDADO, *ti rando um embrulho de doces do bolso*

Cá estão. Vim prevenido com papel.

2.<sup>a</sup> SENHORA.

Nhosinho e Lili sempre que vamos a qualquer  
parte e não levamos alguma coisa para casa, nos  
apoquentam todo o santo dia. (*Examinando o em-  
brulho.*) Oh, Roberto! que miseria de balas!...  
Vae arranjar mais algumas!

5.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Aonde, senhora? Restavam algumas... foi o  
Mello da botica quem se lambeu com ellas!

2.<sup>a</sup> SENHORA.

Olha, estas cocadas é que se dispensavam,  
fazem muito mal ás crianças.

5.º CONVIDADO.

Deixa ir. Mandam-se de presente ao filho do Góes.

2.ª SENHORA.

Mesmo para pagar aquella compoteira de doce de marmello que nos mandaram o outro dia.

O 2.º CONVIDADO, *sempre de braço com a 1.ª senhora.*

Oh, dona Senhorinha, como tem passado ?

1.ª SENHORA, *voltando, vae cumprimentar a 2.ª senhora.*

Adeus, seu Roberto... como está dona Aquella? (*Beijam-se.*) Não lhe tinha visto. (O 5º e o 6º convidados cumprimentam-se)

1.ª SENHORA.

Podéra! tanta barafunda!... Não sei p'ra que se convida tanta gente... eu gosto mais dos *soirés* de familia que destes bailes de massada.— Vio a nossa visinha, a Henriquetinha Barros? Como estava ridicula!

2.ª SENHORA.

E' sempre no que dão vestidos aproveitados... Olhe, com aquella saia de seda azul eu vi ella ha dous annos no club do Engenho-Velho.

1.ª SENHORA.

Como tem ido lá por casa com a falta d'agua?

1.ª SENHORA.

Tem havido pouca, mas alguma. Sempre dá para os gastos.

2.<sup>a</sup> SENHORA.

Lá em casa tem sido um horror! Não é, Roberto?

5.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Uma *calamidade*! Ha mais de oito dias não temos um pingo d'agua!

1.<sup>a</sup> SENHORA.

Que coisa! Então agora, depois do tal 13 de Maio, que não se póde contar com as criadas, que ficaram todas umas senhorás fidalgas!

2.<sup>a</sup> SENHORA.

A lavadeira não nos dá roupa ha um mez! A cesta da roupa suja está que não se póde fechar!

5.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Então, que tal tem achado a festa?

2.<sup>o</sup> CONVIDADO

Muito bonita... Este homem deve ter gastado muito dinheiro!

5.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Dizem que trinta contos, e eu acredito.

2.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Mas ha muita mistura... Ainda agora vi um sujeito mettendo doces na algibeira da casaca.

5.<sup>o</sup> CONVIDADO.

Oh! pessimo costume!

2.<sup>a</sup> SENHORA.

Coitado! talvez algum pae de filhos!...

2.º CONVIDADO,  *vendo passar pelo fundo o diplomata.*

Conhecem? E' um dos homens da época!  
(*Apaga-se a luz do salão.*)

5.º CONVIDADO.

Olhem, apagam-se as luzes .. Vamos embora?  
Já temos bonde. (*Ao 6.º.*) Vão de carro?

2.º CONVIDADO.

Nada, vou tomar o bondinho da praça Onze,  
que me deixa na porta.

TODOS QUATRO.

Então vamos juntos. (*Saem.*)

(*Apparece o 1.º convidado conversando com o 6.º.*)

1.º CONVIDADO.

Não ha duvida! O cambio está bonito, está;  
sobe que é um louvar a Deus de gatinhas! Mas  
ou eu me engano, ou vamos ter uma crise terri-  
vel! Esta lei!...

6.º CONVIDADO.

Não diga isso! E a immigração? Não vê como  
tem entrado gente? Quer que lhe diga? Cá para  
o meu commercio de vinhos a lei foi providencial.  
Tem sido um beber, meu rico senhor, mas um  
beber!...

1.º CONVIDADO.

Ah, por esse lado não me queixo tambem. Para  
o meu negocio de calçado a lei foi obra. Não ima-  
gina a quantidade de sapatos que tenho vendido

para o interior! — Mas vamos embora, que isto já está deserto. (*Saem.*)

SCENA V

O BARÃO, depois MILE. FRITZMAC, depois AMOROSA,  
depois O VISCONDE.

O BARÃO.

Já são horas de me pôr ao fresco... mas não devo retirar-me sem me despedir do dono da casa... Com que saudades estou d'aquella mysteriosa mulhersinha, que me tem acompanhado a tanta parte e nem sequer me disse o seu nome nem aonde mora! Tenho por ella um sentimento difficil de explicar. E a Fritzmac? Que será feito d'ella? Não a vejo desde a scena da rua da Misericordia. Deixem lá, é levada da carepa, mas é muito boa fazenda, e não se me dava...

MILE. FRITZMAC, *aproximando-se e batendo-lhe no  
hombro, amigavelmente.*

Não se te dava de que?

O BARÃO.

Ella! Vestida de homem!... Que grande atrevimento! Você aqui!... n'um baile aristocrata!...

MILE. FRITZMAC.

Adivinhei que vinhas; era o unico meio de encontrar-te. Que fim levou aquella serigaita com quem estavas na rua da Misericordia?

O BARÃO.

Você não devia fallar nisso, que é a sua vergonha!

MILLE. FRITZMAC.

Tenho-te procurado por toda a parte. Já não vaes ao Eldorado, já não appareces no Sant'Anna, ninguem te vê na rua do Ouvidor. Não recuei diante da ideia de me vestir de homem, pois só assim poderia penetrar aqui. (*Abraçando-o meigamente.*) Então, meu Macucosinho, tem pena de mim; por que trataas assim a tua bichinha?

O BARÃO, *deixando-se abraçar.*

Quem vir isto ha de suppor que tenha havido entre nós intimidades de certa transcendencia! Pois, senhores...

MILLE. FRITZMAC.

COPLAS.

## I

Macuco, de mim não fujas,  
Macuco, de mim tem dô;  
Macuco, meu bem, reserva  
Teus beijos para mim só.

Macuco vê que a Macuca  
Já está maluca  
Pelo seu bem;  
Macuco, vê que a Macuca  
Fere e machuca  
Tanto desdem!

## II

Macuco, tão máo macuco  
Palavra que nunca vi!

Macuco, tu não calculas  
Que coisas tenho p'ra ti!

Macuco, vê que a Macue a etc.

O BARÃO.

Não ha que ver! Estou vencido!

MILLE FRITZMAC.

Vem!

O BARÃO.

Ora adeus! Vamos! ..

(Vão a sahir. Entra Amorosa.)

AMOROSA.

Alto!

OS DOUS, estacando.

Ella?!

MILLE FRITZMAC, *aparte*.

Como o domina com o olhar!...

AMOROSA, *com muita calma, ao Barão*.

Retire-se para sua casa. Esta scena, neste  
logar, póde ter consequencias muito lamentaveis,

O BARÃO.

Mas... (E' vencido por um olhar de Amorosa e  
sae, dizendo.) Decididamente esta mulher tem  
feitiço!...

MILLE FRITZMAC, *cruzando os braços*.

Agora nós!...

MILLE FRITZMAC.

Que quer dizer essa phrase: Agora nós? Nem  
agora nem nunca! Por lealdade não aceito a luta,  
pois tenho certeza que te hei de sempre vencer,

qualquer que seja o terreno em que nos colloque-  
mos! Os teus peccados nada podem contra as  
minhas virtudes!

AMOROSA.

Veremos!

O VISCONDE, *entrando de chapéo e sobretudo.*

Ah, finalmente .. (*Reparando.*) Que vejo! Ainda  
aqui duas pessoas! (*Alto.*) Meus senhores... vão  
se fechar as portas.

Mlle. FRITZMAC, *aparte.*

Se eu apanhasse este homem! Que optimo in-  
strumento seria!... (*Alto.*) Aproveito este mo-  
mento em que o acaso nos põe em frente um do  
outro, para saudar em vossa excellencia o amigo  
dos prazeres!

AMOROSA.

— Não! Eu saúdo em vossa excellencia o brasileiro  
que tanto concorre para que a sua patria prospere  
como advento da industria, do commercio, das artes,  
das lettras e da sciencia! (*Apontando para o fundo.*)  
Possa realisar-se aquelle quadro! (*Mutação.*)

---

## Quadro XII

Apotheose ao progresso da industria, do commercio, das artes  
das lettras e da sciencia.

---

# ACTO TERCEIRO

## Quadros XIII e XIV

A scena representa o jornal a *Imprensa Fluminense*, distribuido pelas festas da abolição.

### SCENA PRIMEIRA

O BARÃO, AMOROSA.

(O Barão entra rapidamente; acompanhado por Amorosa).

AMOROSA.

Mas venha cá ! Que vae fazer ? Onde estamos ?

O BARÃO.

Não vê ? (Aponta para o panno do fundo.) *Imprensa Fluminense* !

AMOROSA.

Ah ! Agora reparo ! Um immenso jornal !

O BARÃO.

A imprensa fluminense congratou-se por occasião da lei de 13 de Maio, e fez aquelle jornal de annuncios. Toda ella está representada alli, toda, excepto o *Paiz*, que não gosta de andar acompanhado.

AMOROSA.

Pois deve aborrecer-se bastante, porque circula tanto...

O BARÃO.

E' mesmo o jornal de maior circulação da America do Sul.

AMOROSA.

Mas o que vem o senhor fazer á imprensa ?

O BARÃO.

Protestar contra as noticias que escreveram a respeito daquelle rolo do Eldorado ; deram a entender que fui en o provocador, quando foi a Fritzmac quem me atirou um copo de cerveja tigre á cara.

AMOROSA.

Não publicaram o seu nome.

O BARÃO.

Mas puzeram-lhe as iniciaes, e é quanto basta para que todo o mundo saiba de quem se trata. Isto de iniciaes é até um meio de chamar mais a attenção para o nome.

AMOROSA.

E que foi o senhor fazer ao Eldorado ? Dir-se-ia que tem saudades dessa mulher !

O BARÃO.

Asseguro que lá não fui por causa della. Quando ainda restasse alguma coisa do que senti por aquelle diabo, um copo de cerveja tigre na cara me curaria de todo !

AMOROSA.

Pois sim, mas deixe os typos tranquillos.

O BARÃO.

Que typos?

AMOROSA.

Os typos da typographia. Não faça protesto algum a semelhante respeito.

O BARÃO.

Porque?

AMOROSA, *com sobranceira.*

Porque não quero! (*Meiga.*) Bem sabe que só desejo o que o não prejudique.

O BARÃO.

Pois seja! A senhora faz de mim o que quer!... Estamos aqui como Ceci e Pery. Ceci manda; Pery obedece!

-----  
SCENA II

Os mesmos, O DOUTOR GAZETA, depois UM ARTISTA.  
(*O Doutor entra com dous quadros debaixo do braço.*)

O BARÃO.

Oh doutor! como tem passado?

O DOUTOR.

Menos mal.

O BARÃO.

Que leva ahí? dous quadros?

O DOUTOR.

Não são dous quadros: são dous anzoes.

AMOROSA.

Dous anzoes? . .

O DOUTOR.

Dous premios para os assignantes de anno.

COPLA.

Co'estes chromos tão chibantes  
 Que a Pariz mandei buscar  
 Deseseis mil assignantes  
 Eu tenciono abiscoitar!  
 Sujeitinho que se estima  
 E figura quer fazer,  
 Na parede esta obra prima  
 Pendurada deve ter.  
 Oh, que pendant  
 Como é gentil!  
*En badinant*  
 E *M'aime t'il?*

Para o anno devo arranjar coisa melhor: darei um relógio a cada assignante!

O BARÃO.

Com corrente?

O DOUTOR.

De certo, todo assignante é concorrente.

AMOROSA.

Um relógio de ouro?

O DOUTOR.

Quasi. Tempo virá em que hei de dar como premio uma apolice da divida publica. Adeus! (*Sae.*)

O ARTISTA, *entrando.*

E' uma indignidade!

O BARÃO.

Porque vem tão zangado, amigo?

O ARTISTA.

Pois não ! O senhor assistio ás festas por occasião do regresso de Suas Magestades ?

O BARÃO.

A'lgumas. Fui um dos setenta mil logrados de Botafogo !

AMOROSA.

Um verdadeiro logro, na verdade. Annunciam um fogo de vistas de dez contos de réis, e, afinal de contas, impingem ao publico, tarde e a más horas, algumas pobres gyrandolas.

O BARÃO.

Uma pulha de 1º de Abril !

O ARTISTA.

Ah ! não mas é disso que trato. Bem me importa mim que em Botafogo houvesse um fogo bota ! Estou indignado, porque sou um pintor, sou um artista, e o commercio, tendo de ornamentar a fachada do edificio da Bolsa e dispondo de recursos para fazel-o dignamente, foi procurar uns serigueiros muito ordinarios, uns caiadores muito incompetentes, uns pinta-monos, capazes de fazer ladrar um cão ! Como se neste paiz não houvesse artistas !

O BARÃO.

E o coreto da rua do Ouvidor, canto da dos Ourives ?

AMOROSA.

Um arco de triumpho, que obrigava o triumphador a passar por baixo de uns musicos !

O ARTISTA.

Um desastre! Pois olhem, d'antes estas coisas faziam-se com mais limpeza e talvez com menos despeza. Vou deitar um artigo! (*Sae.*)

AMOROSA.

Tudo salva a boa intenção...

## SCENA III

O BARÃO, AMOROSA, A SEMANA e A EPOCA, que entram desfeitas e cadavericas; depois UM ESCRIMISTA, depois 1º, 2º e 3º JORNALISTAS.

O BARÃO.

Oh! pobres raparigas! O' meninas, onde vão vocês?

AS DUAS.

Vamos morrer.

O BARÃO.

Morrer tão jovens? na primavera da vida? na idade das illusões e do amor?... Coitadinhas! (*Tomando a Semana pela mão.*) A menina como se chama?

A SEMANA.

A Semana. Já fui bonita, bonita e guapa; hoje estou neste bello estado!

AMOROSA.

Não admira: tem passado por tantas mãos!...

A EPOCA.

E eu que passei por uma unica mão e estou tambem morre não morre?!...

Como se chama?

O BARÃO.

A Epoca.

A EPOCA.

O BARÃO.

Pois, meus amores, vão morrer mais longe, porque eu, a respeito de defuntos, temos conversado. (*Empurra-as brandamente. Ellas saem, e entra o Esgrimista, todo cheio de emplastros e coxeando.*) Querem ver que este é tambem algum jornal que vae morrer?

O ESGRIMISTA.

Não, senhor, não sou um jornal, sou um jornalista.

O BARÃO.

Pelo que estou vendo veio de algum rolo!...

O ESGRIMISTA.

Engana-sa. Sou membro do Club de Esgrima e acabo de tomar uma lição de florete.

AMOROSA.

Ah! o tal club que se fundou este anno...

O BARÃO.

Deve ser muito divertido.

O ESGRIMISTA.

Ah! é preciso saber esgrima! A moda dos duellos vae se introduzindo no Rio de Janeiro.

AMOROSA.

E' o meio mais facil de resolver os pontos de honra...

O BARÃO.

E de dar extracção aos pontos falsos.

O ESGRIMISTA.

Em todo o caso, é bom saber uma pessoa como se ha de haver em frente de uma espada.

O BARÃO.

Por exemplo. (*Servindo-se da bengala como de um florete*) Um, dous e...

O ESGRIMISTA.

Ai! (*Foge.*)

AMOROSA.

E' provavel que no club não se ensine o principal requisito para quem se vae bater, que é ter coragem...

*(Entram os tres jornalistas, carregados de malas e de presentes. Chegam ao meio da scena, deixam cahir as malas, sentam-se sobre ellas e soltam um grande suspiro de alivio )*

OS TRES.

Ai...

O BARÃO.

E' a commissão de jornalistas que foi ao Rio da Prata.

1.º JORNALISTA.

Trinta banquetes!

2º JORNALISTA.

Vinte e tres espectaculos!

3º JORNALISTA,

Desoito recepções!

1.º JORNALISTA.

Desenove mayonaises !

2.º JORNALISTA.

Cincoenta e cinco discursos !

1.º JORNALISTA, *levantando-se.*

Mas, em compensação, que amabilidade !

2.º JORNALISTA, *idem.*

Que gentileza !

3.º JORNALISTA, *idem.*

E que bonitos presentes !

1.º JORNALISTA.

Sem contar que vimos e ouvimos a Patti...

OS TRES.

Oh ! a Patti !...

TANGO.

1.º JORNALISTA.

São cavalheiros finos  
Os argentinos :  
Não têm rival.  
Emquanto lá estivemos  
Não despendemos  
Nem um real !

2.º JORNALISTA.

Casa bem mobiliada,  
Roupa lavada,  
Nada faltou !

3.º JORNALISTA.

Que bellas petisqueiras  
O Pederneiras  
Saboreou !

OS TRES.

Oh, que linda terra !  
 Como são gentis !  
 Póde lá haver guerra  
 Com tão bom paiz !  
 As taes argentinas  
 São mesmo uma flor !  
 Por pouco as meninas  
 Nos matam de amor !

1.º JORNALISTA.

II

N'uns corropios doudos  
 Andámos todos  
 De cá p'ra lá,  
 E coisas vio a gente  
 Que infelizmente  
 Nunca vio cá !

2.º JORNALISTA.

Foi um passeio bruto !  
 Nem um minuto  
 Se descançou !

3.º JORNALISTA.

Mas — é bom que se note—  
 Este velhote  
 Não fraquejou !

OS TRES.

Oh, que linda terra ! etc.

*(Saem os tres dansando.)*

O BARÃO.

Pobres homens ! Vêm estrompados !

AMOROSA.

Mas vêm contentes !

*(Atravessa a scena um grupo de jornalistas,  
 fallando todos a um tempo.)*

Não entendi palavra !

O BARÃO.

Discutem a immigração chinesa.

AMOROSA.

Qual é a sua opinião sobre esse assumpto ?

O BARÃO.

A minha ?

AMOROSA.

Sim.

O BARÃO.

Homem, menina, eu não sou muito contra os chins. Dizem que são optimos agricultores.

AMOROSA.

Não ha duvida, mas não passam disso. Levam a miseria e a corrupção a toda a parte. E tanto é assim, que os americanos do norte já os repellem á mão armada.

O BARÃO.

Os americanos têm lá muita gente, e nós cá precisamos de braços.

AMOROSA.

Pois deixe mostrar-lhe qual será o futuro da sociedade brasileira, se a sua terra proteger semelhante immigração.

*(Agita o braço. Forte na orchestra. Ergue-se o panno do fundo e apparece uma sala no gosto chinês, lembrando ao mesmo tempo as nossas casas actualmente. Fonseca-Tching está assentado n'um cochim, fumando opio e abanando-se com uma ventarola. Continua a musica em surdina na orchestra durante o quadro supplementar.)*

O BARÃO.

Que é isto?

AMOROSA.

E' o que está vendo.

O BARÃO.

Eu quando digo que esta mulher tem feitiço!...

AMOROSA.

Imagine que estamos em meiado do seculo que vem. Chegue-se aqui para o lado. Observemos, como se estivessemos n'um theatro.

## SCENA IV

O BARÃO, AMOROSA, FONSECA-TCHING, depois TZENG-TZENG-SODRÉ, depois PEKY.

FONSECA.

Eu sou feliz, porque em summa  
 Não ha no mundo outro emprego  
 Melhor que estar em socego  
 E não fazer coisa alguma.  
 Batem á porta. Quem é?

A VOZ DE SODRÉ.

Um seu infame creado!...

FONSECA.

Queira entrar.

*(Sodré entra )*

Oh! Deus louvado!

E' o senhor Tzeng-Tzeng-Sodré!

Seja bem apparecida

N'esta pobre casa immunda

Essa cara rubicunda

Que é toda saude e vida!

*(Ergue-se e os dous comprimentam-se á chineza.)*

SODRÉ.

Então, como tem comido ?

FONSECA.

Perfeitamente. Obrigado.

SODRÉ.

Cada vez mais anafado !

FONSECA.

Vou como Budha é servido...

SODRÉ.

Minha familia canalha  
 Me pede que comprimente  
 A sua esposa excellente.  
 Onde está ella ?

FONSECA.

Trabalha

Minha ignobil mulhersinha  
 Retribue reconhecida  
 Taes comprimentos. Mettida  
 Ella está lá na cosinha  
 A lavar facas e pratos :  
 Não lhe póde apparecer.  
 E o senhor ? Come a valer ?

SODRÉ.

Ainda hoje comi dous ratos  
 Que achei no barril do cisco.

FONSECA.

Arrotou ? Não teve asia ?

*(Signaes affirmativo e negativo de Sodrê.)*

E' prato de economia,  
 Mas é muito bom petisco.

*(Sentindo os effeitos do opio.)*

Tenho fumado de mais !  
 Fume você no meu proprio  
 Chibuc. Veja que bom opio  
 Este de Minas-Geraes !

*(Passa o caximbo a Sodrê, que fuma.)*

SODRÉ',  *vendo entrar Peky.*

Olé! formosa Peky!

PEKY.

'Stava lavando a gamellá;

Ouvi-lhe a voz...

SODRÉ'.

Como è bella!

PEKY.

E pressurosa corri.

SODRÉ',  *tomando a mão de Peky, a Fonseca.*

Esta mão já duas vezes

Tive a honra de pedir.

PEKY.

E' tempo de decidir:

'Stou d'esp'ranças ha tres mezes!...

FONSECA.

Ainda não é visivel

Esse estado interessante,

E noivo mais importante

Que se apresente é possivel!

Mesmo saber d'esse estado

Ha muito noivo que estima:

Acha mulher e, inda em cima,

Trabalho já começado.

Por isso, emfim, Sodrê querido,

A tudo a ambição recorre:

Se a mulher sem filho morre,

Não herda nada o marido!

*(Com resolução, abraçando-os.)*

Ora adeus! Eu não desejo

Que me torçaes os narizes:

Casae-vos! sêde felizes!

SODRÉ.

Oh! que f'licidade! Um beijo!

(*Beija Peko. Fonseca cae no chão completamente embriagado.*)

O velho bebado está,  
E eu já me sinto tambem...

(*Cae.*)

Vem a meus braços, oh, vem!  
Beijos ardentes me dá...

(*Adormece.*)

PEKY.

Dormem ambos... Ora pois,  
N'este caximbo dourado  
Vou fumar o meu bocado,  
E adormecer como os dous...

(*Tira o caximbo das mãos de Sodré e começa a fumar. Cae o paano do fiasco. Cessa a musica.*)

## SCENA V

O BARÃO, AMOROSA, depois o 3.º JORNALISTA.

AMOROSA.

Então? que diz àquelle quadro?

O BARÃO.

Digo que a menina lavrou dous tentos. Já estou completamente voltado contra o chim.

3.º JORNALISTA, *entrando.*

Aqui tem o primeiro numero do meu *Diario do Commercio*. A alma do *Diario de Noticias* n'um corpo novo.

O BARÃO, *examinando.*

O aspecto é agradável. Naturalmente o miolo diz com a casca.

AMOROSA.

Já vi tambem a *Tribuna Liberal*. Bem escripta,  
mas perversa.

3.º JORNALISTA.

Adeus. (*Sae.*)

AMOROSA.

E' um jornal garantido.

O BARÃO,

Chi! que grupo alli vem! Fugamos! (*Saem.*  
*Entra um grupo de caixeiros.*)

## SCENA VI

CAIXEIROS, armados com baldes de pixe e brochas.

CÓRO.

Das portas o fechamento  
Nós vemos todos pedir.  
A imprensa neste momento  
Vae nossas queixas ouvir.

UM CAIXEIRO.

Amigos da liberdade  
Os máos patrões vão ficar:  
Embora contra a vontade,  
As portas hão de fechar.  
Quando algum delles capriche,  
É liberdade não dêr,  
Leva de pixe,  
Haja o que houver!

CÓRO.

Leva de pixe, de pixe, de pixe,  
Haja o que houver!  
Das portas o fechamento etc.

(*Saem os caixeiros. Mulação*)

## Quadro XV

O Rocio, no ponto comprehendido entre a rua Sete de Setembro e o theatro S. Pedro. Scena escura.

### SCENA PRIMEIRA

O BARÃO, AMOROSA.

AMOROSA.

O senhor durante todo o caminho tem me parecido contrariado... Não está satisfeito por se ir embora?

O BARÃO.

Pois bem, deixe fallar-lhe com o coração nas mãos! Não estou nada satisfeito! Fiz uma figura d'urso — ahí está o que fiz! Comprehendo que a senhora não me concedesse certas regalias: está se vendo que é uma menina honrada .. o que, aliás, torna ainda mais inexplicavel o seu procedimento de acompanhar-me por toda a parte e fazer-me continuas declarações.

AMOROSA.

O senhor tem uma falsa comprehensão do amor.

O BARÃO.

Mas a outra, a Fritzmac?... Porque não deixou que arranjassemos nós a nossa vida? Afinal de contas, que perderia eu com isso? Agora, usando dessa mysteriosa influencia que exerce sobre a minha pessoa, a senhora obriga-me a tomar o trem de ferro e voltar para a fazenda!

AMOROSA.

E' o que devia ter feito ha mais tempo.

O BARÃO.

E o bonito é que uma força irresistivel me obriga a obedecer sem tugir nem mugir! E vou-me embora! Só lhe digo duas palavras, duas palavras apenas, mas energicas e cheias de philosophia! Essas duas palavras são:— Ora bolas!

AMOROSA.

Chegou o momento de revelar-lhe tudo.

O BARÃO.

Tudo que ?

AMOROSA.

Tudo quanto não sabe. A Fritzmac é uma creatura sobrenatural.

O BARÃO.

Hein ?...

AMOROSA.

E' uma invenção do Diabo, assim como eu sou uma invenção do Amor.

O BARÃO, *recuando*.

Que?... A senhora tambem é sobrenatural?..

AMOROSA.

Pois não deu ainda por isso?...

O BARÃO.

Já andava desconfiado... principalmente depois da tal feitiçaria dos chins ...

AMOROSA.

O meu poder é illimitado !

COPLA.

Na terra embora tudo se mude,  
Tomem as coisas diversa côr,  
Forte ha de sempre ser a virtude,  
No eterno orgulho do seu vigor.

Annos decorram,  
Seculos corram,  
E' inabalavel o Deus do amor.

O BARÃO.

Ao mesmo tempo que a senhora me parece creatura de cutro planeta, custa-me crer que não seja uma mulher como as outras....

AMOROSA.

Experimente.

O BARÃO, *maliciosamente*.

Como?

AMOROSA.

Quer que eu faça apparecer aqui alguma coisa que o divirta?... Temos tempo; ainda não são horas de tomar o trem. d'aqui á estação é um instante e já lá estão as bagagens.

O BARÃO.

Ora! O que me poderá divertir?...

AMOROSA.

Qual é o divertimento da sua predilecção?

O BARÃO.

E' o theatro.

AMOROSA.

Pois bem, farei desfilar diante dos seus olhos os principaes acontecimentos theatraes do anno que está a findar.

O BARÃO.

Sempre quero ver isso.

AMOROSA.

Pois vae ver! (*Faz um gesto.*) Ahi tem D. Ignez de Castro.

## SCENA II

Os mesmos, a CASTRO.

O BARÃO.

Olá! a misera e mesquinha! (*Vendo entrar a Castro.*) Tem razão: é a propria; conheço-a do bom tempo.

A CASTRO.

Estava a linda Ignez...

A linda Ignez sou eu!...

O BARÃO, *a Amorosa.*

E' ella!

A CASTRO.

Estava a linda Ignez posta em socego,  
 Entre o pó de esquecidos alfarrabios,  
 E sacrilega mão ninguem lhe punha,  
 Quando o empresario do Recrei'Dramatico,  
 Prevendo que a ressurreição da peça  
 Lhe levaria publico ao theatro,  
 Foi buscal-a nos lobregos archivos,  
 Mandou tirar papeis, metteu-a em scena,  
 E encarregou-se do papel de Affonso,  
 O rei severo, o pae meigo e sensivel.  
 Se nós não temos já um João Caetano,  
 Se já não temos uma Ludovina,  
 Possuimos, no entanto, alguns artistas  
 Que ainda podem prestar bem bons serviços!  
 A tragedia montada foi com luxo,  
 Luxonas roupas e nos accessorios...

O BARÃO.

Nem era de esperar que o Dias Braga  
Procedesse jamais de outra maneira !...

A CASTRO.

Eu quizera, porém, que me deixassem  
No meu canto gosando o doce fructo  
Da paz inalteravel dos archivos !...

(*Sae magestosamente.*)

UMA VOZ.

Pchit ! Pchit !

AMOROSA.

Donde partem estes pchios?... Quem nos  
chama ?

A VOZ.

Sou eu ! Estou aqui ! Deste lado ! No terraço do  
theatro S. Pedro de Alcantara !

O BARÃO.

Ah ! Lá está ! E' um homem muito branco !

AMOROSA.

Não me engano ! E' a estatua de Antonio  
José !

A VOZ.

Digam-me uma coisa, meus senhores. E' ver-  
dade que estão representando alli defronte as  
minhas *Guerras do Alecrim e da Mangerona* ?

AMOROSA.

E' verdade, sim, senhor Antonio José. E com  
muitos applausos.

A VOZ.

Faço ideia ! Applausos de convenção, muito di-

versos daquelles do Bairro Alto ! Tenham a bondade de dizer ao empresario que a minha epoca passou. Deixem as minhas operas em companhia da *Nova Castro* !

AMOROSA.

Lá direi.

A VOZ.

Adeus. Vou tomar um semicupio.

AMOROSA.

Adeus, senhor Antonio José.

---

### SCENA III

O<sup>3</sup> BARÃO, AMOROSA, UM EX-ACTOR, depois 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup>  
ENGENHEIROS, depois a GRAN-VIA.

AMOROSA.

Aqui está outro acontecimento theatral do anno. Barão, apresento-lhe o actor Martins.

O EX-ACTOR.

Actor, risque : ex-actor.

CANTO .

Sou do Correio  
Almoxarife :  
Agora o bife  
Seguro está !  
Já não receio  
Tacão de bota,  
Nem a risota  
Provoco já !  
Meus ex-collegas  
Todos me invejam  
E até desejam  
Me acompanhar,  
Pois sem pelegas

Não vale a pena  
 Ir para a scena.  
 Representar  
 Muito contente, olé ! muito contente, olá !  
 O almoxarife está !

(*Sae dansando.*)

AMOROSA.

Um homem feliz ! Passou pelo theatro, foi  
 applaudido, e não acabará no Galeão.

O BARÃO.

Onde dizem que o governo vae fundar um asylo  
 para es artistas dramaticos... (*Entram dous  
 engenheiros.*)

  1.º ENGENHEIRO.  
 Olhe, collega, neste theatro é preciso abrir  
 cem portas !

2.º ENGENHEIRO.

Ficará um theatro Thebas !

1.º ENGENHEIRO.

No Recreio por-se-ão cinco escadas.

2.º ENGENHEIRO.

No Sant'Anna umas poucas de sahidas.

1.º ENGENHEIRO.

Que, sendo preciso, poderão tambem servir de  
 entradas...

2.º ENGENHEIRO.

O Pedro II é que de mais reformas precisa !

1.º ENGENHEIRO.

Passará por uma transformação completa.

2.º ENGENHEIRO.

O mesmo acontecerá á Phenix.

1.º ENGENHEIRO.

Ora, o mesmo acontecerá a todos os outros !

2.º ENGENHEIRO.

Talvez fosse mais curial propor o arrasamento dos theatros existentes e a edificação de novos.

1.º ENGENHEIRO.

Pelo menos a economia seria maior...

2.º ENGENHEIRO.

Vamos estudar ?

1.º ENGENHEIRO.

Estudemos ! (*Saem ambos.*)

O BARÃO.

Os proprietarios dos nossos theatros podem considerar-se tambem victimas do incendio do Baquet.

AMOROSA.

Ahi vem a *Gran Via*, que foi, por bem dizer, o unico successo theatral do anno.

A GRAN VIA.

Conhecem a *Gran Via* ?

OS DOUS.

E quem não a conhece ?

CANTO.

AMOROSA.

Essa

Peça

Tantas vezes se tem dado,

Que hoje

Foge

Della o publico massado !

O BARÃO.

Por fórmas tão diversas

A dão, coitada,

Que ninguem quer conversas

Có' a desgraçada !

A GRAN-VIA.

Mã sorte em Grande Avenida  
 Me transformou;  
 Não ha musica batida  
 Mais do que eu sou.  
 Sou victima dos pianos  
 D'este paiz...  
 Digam-me taes deshumanos  
 O que lhes fiz!

(*Sae dansando.*)

## SCENA IV

O BARÃO, AMOROSA, UM DILETTANTE, depois UM EMPRE-  
 ZARIO LYRICO, depois 1º JORNALISTA, acompa-  
 nhado do 4º e do 5º, que não fallam.

O BARÃO, *vendo entrar o dilettante a chorar.*

Oh! um homem a chorar! Que é isto? E' tam-  
 bem um acontecimento theatral? Querem ver que  
 este senhor acabou de assistir á representação de  
 uma comedia?

O DILETTANTE, *chorando.*

Não senhor... choro porque ella não veio.

AMOROSA.

Ella quem?

O DILETTANTE.

Ou antes, veio e não cantou, e se cantou não a  
 ouvi! Ouvil-a era o meu sonho doirado! Ouvil-a,  
 sim, ainda que não fosse senão n'alguns compassos  
 d'aquella aria do *Barbeiro*, em que a dizem su-  
 blime. (*Chorando e cantando ao mesmo tempo.*)  
 Una voce poco fa...

AMOROSA.

Ah! falla da Adelina Patti.

O DILETTANTE.

Sim, fallo da celebre diva italiana! Eu estava tão esperançado agora de não morrer sem ouvil-a! Já tinha resolvido empenhar até os colxões em que durmo para tomar uma assignatura!

O BARÃO.

Já é vontade de ouvir a Patti!

O DILETTANTE.

Viram os telegrammas? Que tormento! «A Patti vae.» «Não vae a Patti.» «Vae.» «Não vae.» «Vae.» e não veio! Quero dizer, veio mas não cantou nem nada, e lá se muscou outra vez sem dar uma nota! Nunca me hei de consolar desta hypothese. (*Sae chorando.*)

O BARÃO.

Que grande pedaço d'asno!...

(*Entram os artistas de uma companhia lyrica perseguindo o Emprezarario.*)

CÔRO DOS ARTISTAS.

Oh, senhor emprezarario, sem demora  
O que deve é pagar, senão ha briga!  
Não podemos d'aqui nos ir embora;  
Temos todos a sella na barriga!...

O EMPREZARIO.

Artistas meus carissimos,  
Não me griteis assim!  
Queixae-vos só do publico;  
Não vos queixeis de mim.

(*Sae. A orchestra faz lembrar um motivo da canção do aventureiro, do Guarany.*)

CÔRO.

Co' esta quebradeira insolita,  
 Co' esta falta de dinheiro,  
 Não vem fóra de proposito  
 A canção do aventureiro !  
 Pobre de nós ! na miseria  
 Vamos ficar !  
 Que a coisa é séria  
 Não ha mais que duvidar.

1.º JORNALISTA, *entrando acompanhado pelo 3º e 5º*  
*jornalistas.*

RECITATIVO.

Da imprensa generosa, illustre commissão,  
 De que fazemos parte,  
 Vos toma a todos sob a sua protecção  
 Por amor da arte.

ARIA DO TROVADOR.

Pobres artistas,  
 Corro a salvar-vos !  
 Hei de arranjar-vos  
 Alguns mil réis ;  
 Pagareis todos  
 Vossas passagens,  
 E as hospedagens  
 Nesses hoteis.

CÔRO.

Muito obrigado.

1º JORNALISTA.

Não ha de que.

CÔRO.

Isto só nesta  
 Terra se vê.

1º JORNALISTA.

Em mim achastes  
 Um bom amigo !  
 Vinde commigo  
 Ao Castellões !

O' fuminenses,  
Ides um dia  
Ter companhia  
A dez tostões !

CÔRO.

Se nos dá de comê,  
Se nos dá de bebê,  
Se nos paga os hoteis, ó seu bem,  
Vamos lá com você !

*(Saem os jornalistas e os côros.)*

O BARÃO.

Mas a senhora não me mostrou o acontecimento  
theatral mais importante do anno : a vinda do  
grande Coquelin.

AMOROSA.

Não temos tempo para mais nada. D'aqui a  
vinte minutos parte o trem. Vamos !...

O BARÃO.

Vamos lá ! Estou convencido... A baroneza vae  
ter um alegrão ! *(Musica na orchestra.)* Que é  
aquillo ?

AMOROSA.

São as tropas que vão para Matto-Grosso. Va-  
mos ao encontro d'ellas.

O BARÃO.

Vamos ! *(Saem. Começam a desfilarem as tropas  
da esquerda para a direita. No meio da desfilada  
faz-se a mutação.)*

## QUADRO XVI

A sala do quadro terceiro.

### SCENA UNICA

Mlle. FRITZMAC, depois PERO BOTELHO.

Mlle. FRITZMAC, *entrando enraivecida.*

Inferno e damnção ! Elle partio !... Partio, sem que eu pudesse transmittir-lhe os meus peccados ! Fui vencida por aquella maldita filha do Amor ! Que contas hei de dar de mim a Pero Botelho ? ! (*Pero Botelho surge do alçapão.*) Elle !...

PERO BOTELHO.

E's um genio pulha, um espirito de meia tigela, não vales dous caracões ! Em vez de corromper uma sociedade inteira, procuraste perverter um individuo só, e isso mesmo não conseguiste ! Estúpida !... Que fizeste durante todo este anno ? O mormo dos burros talvez, só isso !

Mlle. FRITZMAC.

Fiz o que pude. . Até me vesti de homem !. .

PERO BOTELHO.

Pois foi pena que te não recrutassem para o exercito.

Mlle. FRITZMAC.

Tive uma adversaria terrivel...

PERO BOTELHO.

Qual adversaria nem qual carapuça ! E's um genio máo.

MILLE. FRITZMAC.

E tu tens muito máo genio.

PERO BOTELHO.

Nunca o Brasil foi tão feliz como n'este anno! Abolio-se a escravidão, receberam-se cento e trinta mil immigrants, o commercio prosperou, as artes deram signal de vida, e publicaram-se livros! Até as mulheres!... Foi preciso que tu cá viesses para que no Rio de Janeiro houvesse uma doutora, uma pharmaceutica, e até uma toureadora!... Com certeza não és a creatura que eu desejava. Fritzmac deu-me uma mulher falsificada... Condemnei-o a tres mezes de cadeia, e retirei-lhe a gran-cruz com que o havia condecorado.

MILLE. FRITZMAC.

Fez mal: não é d'elle a culpa, mas dos proprios peccados, que estão serodios, e já não produzem effeito em ninguem. A sociedade moderna transformou os peccados em virtudes: a avareza hoje é economia e previdencia; a ira, coragem e energia; a preguiça, prudencia, discrição e modestia; a inveja, ambição e estimulo; a gula, é signal de saude e bons costumes, e a luxuria... amor!...

PERO BOTELHO.

Talvez tenhas razão... mas olha que lá no inferno não me pões mais os pés!... Fica-te no Rio de Janeiro a tomar cajuadas, e deixa-te dominar pelas virtudes, se quizeres. Nada tenho com isso. Para o anno virei em pessoa corromper esta boa